Conceito & Ação

RIO PREFEITURA
EDUCAÇÃO | MULTIRIO

Eduardo Paes
Prefeito do Rio de Janeiro

Claudia Costin
Secretária Municipal de Educação – SME

Cleide Ramos
Presidente da Empresa Municipal de Multimeios – MultiRio

Lucia Maria Carvalho de Sá
Chefe de Gabinete

Ricardo Petracca
Diretor de Mídia e Educação

Sergio Murta Ribeiro
Diretor de Administração e Finanças

Conceito & Ação

Série televisiva: textos complementares

Conceito & Ação

Série televisiva: textos complementares

MULTIRIO - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.
Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210
Central de Atendimento ao Cidadão: 1746 • Fora do Rio: (21) 3460-1746
Fax: (21) 2535-4424 • www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br

Sumário

Internet, educação e sociedade 09
Alberto Tornaghi

Desenvolvimento infantil 13
Fábio Barbirato

Educação e sustentabilidade 17
Sérgio Besserman

Índice de Valores Humanos 21
Flávio Comim

Gestão escolar 25
Débora Dias Gomes

Adolescência saudável 29
Cesar Ibrahim

Consumo e infância 33
Gabriela Vuolo

Literatura, internet e novas gerações 37
Heloisa Buarque de Hollanda

O homem e a música 41
Marcelo Petraglia

Protagonismo juvenil 45
Paulo Carrano

Educação e ética 49
Mario Sergio Cortella

Economia verde 53
André Abreu

O papel do museu na educação 57
Guilherme Vergara

O meio ambiente e a saúde das crianças 61
Daniel Becker

Economia criativa 65
Lala Deheinzelin

O convívio das gerações 69
Maria Alice Ferruccio

Introdução

Conceitos são ideias, noções abstratas, universais, das quais usualmente emanam princípios norteadores do comportamento humano e de seu compromisso com a sociedade. Em cada época, sociedade e cultura podem ser traduzidas de diferentes formas. A nós, educadores de forma geral, interessa transportar para a ação conceitos relevantes à formação e ao desenvolvimento de crianças, jovens e adultos. Pensamos no hoje e, ao mesmo tempo, vislumbramos um futuro que contemple as transformações tecnológicas, sociais e ambientais dentro de um cenário de desenvolvimento humano, qualidade de vida e sustentabilidade.

Dessa forma, a série televisiva *Conceito & Ação* debate e estimula a reflexão sobre uma ampla gama de assuntos que, no todo, formam uma trama de ideias que, transformadas em práticas, remetem à educação dentro e fora da sala de aula e ao longo da vida. Da ética à economia criativa; da música ao meio ambiente; das novas mídias à gestão escolar.

Neste fascículo, você vai encontrar trechos de algumas entrevistas que realizamos ao longo dos anos de 2011 e 2012. Trazer para o estúdio da MultiRio especialistas que pensam e fazem a Educação brasileira foi uma honra. Entrevistá-los, um prazer. Espero que você também aproveite!

Cristina Amaral
Roteirista e apresentadora da série *Conceito & Ação*

Internet, educação e sociedade

Sinopse

Quase todos os brasileiros têm acesso a pelo menos um aparelho de TV. Além disso, o celular, o computador e a internet já fazem parte da vida da maioria das pessoas. A convergência dessas mídias cria uma espécie de rede de conexão constante que acaba ampliando o acesso ao conhecimento. Mas existe uma preocupação com a qualidade do que se produz, do que se vê e do que se consome por meio delas. As mídias estão estabelecendo uma nova forma de as pessoas se relacionarem? Afinal, elas mobilizam ou isolam?

Entrevistado: Alberto Tornaghi, físico, educador, doutor em Informática e Sociedade e pesquisador de tecnologia e educação.

Internet e sociedade

É importante saber falar? É importante saber escrever? É importante saber andar de ônibus em uma cidade? Ou de charrete, para quem vive no campo? Claro! É importante saber usar o que nos oferece o mundo real. Como a tecnologia. As novas mídias estão trazendo a possibilidade de se perceber que nem tudo o que está escrito é confiável. Essa relação mais dinâmica, de mais participação nos processos de produção e informação cultural, sem a menor dúvida, é poderosa.

Sou profissional dessa área, trabalho com ensino a distância. Produzi um material para o MEC, há dois anos, junto com professores de São Paulo, um grupo de Brasília e outro de Belo Horizonte. Se não existisse um instrumento como a internet, isso não seria possível de acontecer com a agilidade e a rapidez devidas. Nós escrevíamos o texto junto, eu daqui e outra pessoa de outro lugar.

Muda muito o jeito de fazer, de pensar, de conceber. Imaginemos uma árvore, por exemplo. Para cada um, essa árvore é de um jeito. Quando pensamos na árvore, já vem o pensamento de um momento agradável que tivemos. Já houve uma conexão com outros fatos. A internet e o hipertexto permitem registrar tudo desse jeito. É mais perto do jeito com que pensamos.

Padrões diferentes

É interessante notar as diferenças de padrões de comportamento na web e nos ambientes tradicionais. O jogador de futebol, dentro de campo, é um sujeito; fora de campo, outro. Quando estamos em uma festa, somos de um jeito; na sala de aula, de outro. Porque muda o ambiente social!

> *Nosso comportamento no mundo virtual é diferente em relação ao mundo real.*

Em cada ambiente social, nos comportamos de um jeito. Mas, na internet, a interação é mais textual. Se a pessoa quer ser bem-vinda, deve tomar cuidado com a piada que faz, por exemplo. Se conta uma piada, alguém não entende e faz uma cara estranha, ela conserta: “Não, era brincadeira!”. Mas se essa piada aparece em um programa de televisão e alguém não entendeu que é piada, há o risco de se sentir ofendido, sendo que, quem contou, não tem esse retorno imediato. São ambientes diferentes!

Na realidade, é difícil para os seres humanos, mais para alguns, menos para outros, adaptarem-se às mudanças. Estamos mais preparados do que as gerações anteriores para essas mudanças rápidas. Mas existe, hoje, um problema complicado, na escola, difícil de lidar, que é a ideia da criança que pensa e que faz muitas coisas ao mesmo tempo.

Houve uma tendência de transformar isso em patologia: a tal síndrome do deficit de atenção. O mundo está exigindo essa hiperatividade, está buscando esse estímulo para tudo o que é lado! E as crianças estão desenvolvendo isso. Cabe aos adultos entender e tratar o fato como um dado da realidade, como um dado desse mundo em que as crianças vivem. E tentar acompanhar, apenas na medida em que sentirem prazer. Ninguém é obrigado a se adaptar, mas, ao se adaptar ao mundo em que mais gente habita, a pessoa terá mais espaço social para viver.

Internet x estudo

Existe ainda uma cultura entre crianças e jovens de que a internet é um ambiente mais de entretenimento. Para estudar, vale o livro. Mas está mudando. Quem é que define o que é estudar? É a escola, é o professor! E hoje há toda uma geração de professores que está estudando na internet.

Crianças e jovens começam a entender que a internet não é só um espaço de divertimento, mas também de estudo.

Sou professor de um curso de pós-graduação em que um aluno meu leu apenas dois livros, em papel, para sua defesa de tese. O restante do material ele encontrou na internet. Artigos científicos agora estão na internet, ao alcance de todos e em uma rapidez incrível! A pessoa acabou de fazer uma descoberta; o público quer saber! Vai esperar seis meses para ler em algum livro? Não, estará disponível no dia seguinte.

Mas a internet não vai acabar com o livro. É outra coisa! O elevador não acabou com a escada. O livro tem seu lugar.

Redes sociais

A rede social é só um espaço a mais de encontro, em que se consegue achar muita gente, com bastante rapidez. Alguém publica que vai acontecer um evento de poesia, e o público comparece. Quem acompanha o espaço de gente de poesia nas redes sociais? Quem gosta de poesia! Essa divulgação deixou de ser uma coisa da grande imprensa para ser um pouco de quem se proponha a fazer. Os eventos ficam mais pulverizados, e a possibilidade de comunicação também.

Acabei de montar um programa para o MEC que leva os professores a desenvolver um pequeno projeto com uso de tecnologia em sala de aula, experimentar, registrar, trocar com professores de outras cidades e colocar na internet. Essa troca via web é fantástica, é de ponta! Professor de escola básica não inventa Física nova, mas inventa um jeito novo de ensinar Física.

Superexposição

Fala-se muito em superexposição da vida privada na internet. A humanidade viveu em aldeias, e todo o mundo sabia tudo da vida de todo o mundo. Hoje, moro em um apartamento, abro minha janela e vejo a vida de um monte de gente. Na internet, nos expomos para alguns; para uns mais, para outros menos.

A internet não tira a privacidade de ninguém. Cada um se expõe da forma como acha que deve se expor.

Vamos ter que aprender a conviver com algumas dessas coisas, assim como aprendemos a conviver com janelas próximas! E aí, é só fechar a cortina... E dá para fechar a

cortina que a pessoa quiser! É a história do celular: quem não quer andar com o celular porque será encontrado por todo o mundo que desligue o aparelho ou não atenda.

Há quem afirme que o excesso de conexão pode acabar com a privacidade. Mas isso é uma escolha pessoal. É o que cada um vai postar na rede. Um candidato a cargo público quer que o maior número de pessoas saiba o que ele faz, publicamente. Mas quem deseja viver a própria vida, quietinho, pode postar apenas para os amigos.

Existe uma outra questão a se refletir: será que na rede a pessoa passa a ser o que realmente é, o que não consegue ser, o que acha mais difícil ser no ambiente social?

Somos sete bilhões de habitantes no planeta, e há de tudo! Há um mito de que todo o mundo se esconde na internet. Escondemos uma porção de coisas! Construímos uma identidade social diferente em diferentes lugares, em diferentes espaços.

Na maior parte das redes sociais, existe muita gente que coloca uma imagem ou um desenho no lugar da fotografia, apresentando-se, assim, desse outro jeito. É como se lá essa pessoa tivesse direito de ser outra ou outras pessoas, muito mais do que em qualquer outro espaço.

Dependência da tecnologia

Seremos ou já somos dependentes da tecnologia? Na verdade, a tecnologia faz parte de nós. Vivemos em uma rede sociotécnica: tem sócio – as pessoas – e tem técnica. Não nos comunicamos mais sem técnica. E não é de agora. Na época das cavernas, as pessoas pintavam nas paredes. Havia uma tecnologia!

Existe uma mudança interessante que aconteceu ao longo do século XX e agora está mais premente: foi o mote da Rio 92 – "faça aqui o que você quer ver para o mundo". A visão global, a ação local! Hoje se percebe que esta sociedade é muito rápida, muito conectada! E isso tornou-se uma questão pública, uma questão de todos nós! Temos que tomar atitudes de maneira consciente. É bem positivo.

O mundo de hoje exige a visão global e a ação local. É uma mudança que não tem mais volta.

Sou de uma geração que, no primário, só podia escrever a lápis. E tinha aula de aprender a fazer ponta no lápis. Ainda estamos vivendo um pouco isso, aprendendo a usar a tecnologia que está aí. Não tem mais que ensinar a fazer ponta no lápis! Não precisa dar aula de computador, o computador nós usamos, não é mesmo?

A Wikipédia

Muita gente fala sobre a Wikipédia. Há muito erro, já que qualquer um vai lá e escreve o que quer. A *Britânica*, a enciclopédia mais importante, mais tradicional, apresenta 5,5% a 6 % de erro; a Wikipédia, 8%. Por que ela é interessante, sob esse ponto de vista da comunicação, para a escola? É que lá, como todos podem escrever, quem consulta já pensa que pode encontrar erros. Então, vai verificar.

A Wikipédia nos desperta a importância de termos um olhar crítico; é preciso desconfiar dela, da *Britânica* e do livro didático.

A tecnologia trouxe, para a escola, essa clareza de que a verdade não está escrita em um único lugar, não está no livro didático; mas em um conjunto de materiais e na escolha da forma de ver esses materiais. Talvez esse seja o fator mais importante, neste momento, para a educação.

Desenvolvimento infantil

Sinopse

Vivemos uma era de transição. Antigos valores estão desaparecendo, sem que tenham surgido outros inerentes à formação do ser humano e fundamentais para um bom convívio em sociedade. A falta de limites deixa pais e filhos angustiados e perdidos. O excesso de estímulos e o pouco envolvimento de muitos pais afetam o desenvolvimento e comprometem o futuro das novas gerações. É preciso recuperar o papel educador das famílias para que se possa garantir o crescimento saudável da criança.

Entrevistado: Fábio Barbirato, psiquiatra e chefe do setor de Neuropsiquiatria Infanto-juvenil da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Transtornos de comportamento

Os transtornos psiquiátricos começam na infância e na adolescência. Um estudo feito nos Estados Unidos mostra que, desde a década de 1970, a maioria dos transtornos ligados à depressão, à ansiedade e mesmo condutas antissociais e comportamentos delinquentes têm início na primeira infância. É o momento em que já se podem identificar certos sinais e começar a tratar. O tratamento é basicamente uma mudança de conjuntura da família, uma mudança da dinâmica familiar.

Há 50 anos, o pai era o provedor, e a mãe, a educadora. O cenário veio mudando, e a educação dos filhos foi delegada à creche, à babá ou aos avós, para que a mãe pudesse trabalhar fora de casa. Isso está sendo repensado. No início do século XXI, começou-se a ter essa ideia de que a presença dos pais é extremamente importante. Obviamente que eles têm que trabalhar, mas é preciso dedicar um tempo para o filho. Quando a mulher escolhe ser mãe – sim, porque a maternidade é uma escolha –, ela deve saber que vai ter que abdicar de muita coisa. Os pais têm 90% de responsabilidade sobre o desenvolvimento dos filhos. E, se delegam essa responsabilidade para a babá, a avó ou qualquer outra pessoa, essa pessoa provavelmente será o modelo em quem a criança vai-se espelhar.

Mas será o modelo que os pais querem para seu filho? E quando a criança reproduzir comportamentos da babá ou da avó com os quais seus pais não concordam?

Há outras questões. Por exemplo, essas pessoas normalmente não têm o comprometimento, porque os filhos não são seus. A babá, por medo de perder o emprego, vai aceitar certos comportamentos inadequados da criança. A avó, em geral, acaba passando a mão na cabeça dos netos. Tudo isso favorece o desenvolvimento de quadros clínicos como depressão, ansiedade ou comportamentos delinquentes.

Lidar com o "não"

Lidar com as situações adversas é um aprendizado contínuo durante a vida. Nós crescemos aprendendo a respeitar, hierarquicamente, o chefe, o sócio, o patrão e o próprio empregado. Isso tudo é construído justamente na primeira infância, por meio dos limites.

Se uma criança faz uma birra e a mãe e o pai estão cansados de um dia de trabalho, certamente será mais fácil para eles ceder do que contrapor. Ou seja, a criança percebe que, sempre que fizer escândalo, vai ter aquilo que quer. Já se os pais vivem repetindo um "não" para o filho e muitas vezes cedem sobre esse "não", terminam perdendo a autoridade. A palavra "não" deve ser usada o mínimo possível, porque, quando se fala muito "não",

normalmente não se cumpre esse "não". Então, quando for preciso falar "não" é para manter a negativa e não voltar atrás.

A palavra "não" deve ser usada o mínimo possível pelos pais. Quando for preciso falar, é para manter a negativa e não voltar atrás.

Se alguém aprende na infância que consegue manipular o pai e a mãe, que são as figuras importantes de hierarquia e de respeito, essa pessoa vai achar que poderá manipular todo o mundo.

No futuro, será um adulto com uma série de dificuldades de relacionamento, de convivência e até de aprimoramento profissional. Será aquele adulto que não vai conseguir se manter em um trabalho, porque não respeita o chefe, não tem um relacionamento adequado com os colegas, não sabe vencer uma frustração. Ao se frustrar, vai ficar irritado. Tudo porque não conquistou a habilidade social de lidar com frustrações.

Modelos familiares

A criança reproduz o comportamento dos pais. Então, quando eles reclamam que o filho é agressivo, será que não são agressivos também? Às vezes, o pai fala que a criança mente. Mas, quando alguém liga para casa, ele diz: "Diga que eu não estou"!

Os pais orientam a criança a não sujar a rua, mas jogam pela janela do carro o copo de refrigerante que acabaram de tomar. Dizem que não se podem fazer coisas contra a lei, como um adolescente beber, por exemplo. Aí, usam o celular enquanto dirigem. Então, a criança vê isso e pensa: "Por que eles podem fazer o errado e eu não posso?".

A presença dos pais

Um estudo realizado em 1998, e replicado em 2008, mostrou que, quando os pais têm uma refeição por dia com os filhos, conseguem prevenir, em 86% a 88%, o uso de drogas por esses filhos ao longo da vida. Isso porque há uma participação, um convívio com a criança. Esses pais estão acompanhando as mudanças de comportamento, estão vendo a criança tendo atitudes inadequadas, percebem que frequentemente ela não está presente nas refeições em família, etc. Onde ela está? O que está fazendo?

Se os pais sentam à mesa, conversam, não discutindo ou cobrando, mas falando sobre coisas que, de alguma forma, facilitem a relação, criem afinidades, isso já é muito mais importante do que passar um dia inteiro com o filho – o pai vendo TV e a criança brincando com o joguinho. A qualidade da convivência é muito mais importante que a quantidade.

Transtorno de deficit de atenção e hiperatividade

Quando se fala em criança e adolescente, vem a ideia de que o transtorno prevalente é o TDH, o Transtorno de Deficit de Atenção e Hiperatividade. E não é verdade! A prevalência é de depressão e ansiedade.

Hiperatividade, ansiedade e depressão não devem ser confundidas com birra, falta de educação ou de limites.

Enquanto o TDH apresenta um índice de 5,4% no mundo inteiro, segundo documento da Universidade de São Paulo (USP), o autismo varia entre 3,8 e 4,2% e a depressão e a ansiedade chegam até 10%. Então,

crianças com 4, 5, 6 anos de idade têm duas vezes mais chance de apresentar depressão e ansiedade do que TDH. Qualquer um desses transtornos, na verdade, pode ser confundido com falta de educação, de limite ou com birra.

Como saber a diferença? Observe quando a criança tem prejuízo. A falta de limite não faz com que seja excluída do grupo social, porque ela sabe até que ponto vai incomodar o outro e, se o outro ficar chateado, ela pode perder o amiguinho.

Atenção aos sinais

Então, quando a criança tem prejuízos, perdas da parte social, da parte acadêmica, aí, sim, pode ser sinal de transtorno. E, se for um transtorno, tem que ser identificado o quanto antes, sem preconceito. Nesses casos, o importante é sempre procurar um médico, porque ele é quem vai fazer o diagnóstico. Pode ser um bom pediatra, um bom psiquiatra da infância, um bom neuropediatra.

Para quem não tem recursos financeiros, existem instituições públicas que atendem gratuitamente. O melhor é procurar serviços vinculados às universidades, onde os profissionais são sérios, em geral, pesquisadores em suas áreas de atuação.

Bullying

A palavra da vez é *bullying,* em casa, na escola, no grupo de amigos. Muitas atitudes são tachadas como *bullying* ou discriminação e geram sentimentos negativos nas crianças.

> *Mais importante do que falar sobre* bullying *é falar sobre assertividade. Isso, sim.*

Diante disso, a tendência dos pais é superprotegê-las porque estão sofrendo, sendo excluídas. Isso poder ser muito perigoso, pois impede que a criança reaja.

Então, mais importante do que ficar falando sobre *bullying* é falar em assertividade, ensinar os filhos a serem assertivos, a lidar com frustrações, a impor limites para quem os frustre, de forma educada, adequada e incisiva, porém sem agressividade. É o que vai ajudar, de fato.

O papel da educação

Os profissionais de educação são extremamente importantes. Primeiro, porque são os primeiros a perceber as mudanças de comportamento da criança. Em sala de aula, ela convive com obrigações, com implicância de outras crianças, com frustrações por não cumprir o que se espera que ela cumpra, enfim, se ela não aprende a lidar com tudo isso, não vai criar competência social.

> *Pais e professores devem ficar sempre atentos às mudanças de comportamento da criança ou do adolescente.*

O professor pode observar certas mudanças de comportamento, identificá-las e orientar os pais a procurar ajuda.

Profissionais de educação não fazem diagnósticos, mas têm uma responsabilidade de parceria junto com os profissionais de saúde, para identificar precocemente, quando houver algum sinal, e tentar mudar algumas estruturas da regra do dia a dia para que essas crianças sejam mais bem inclusas.

Educação e sustentabilidade

Sinopse

O modelo de desenvolvimento atual mostra sinais de esgotamento. Mas se, por um lado, os recursos naturais estão ameaçados pela exploração descontrolada do homem, por outro, cresce a consciência ambiental. Como encarar o embate entre o desenvolvimento econômico e a questão ambiental? A resposta está na sustentabilidade. Mas o que isso significa na prática? E como a educação pode contribuir para a criação de uma sociedade mais sustentável e equilibrada?

Entrevistado: Sérgio Besserman, economista, presidente da Câmara Técnica de Desenvolvimento Sustentável da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Desenvolvimento sustentável

A humanidade vive um momento inédito na história! Temos que tomar decisões que vão afetar a vida dos nossos filhos, dos filhos dos nossos filhos. E não sabemos o que é desenvolvimento sustentável. Vamos em busca de uma cartilha, de receitas, mas só o que sabemos é que o desenvolvimento atual é insustentável.

Não é nenhuma ficção científica. Escassez de água doce, aquecimento global, extinção de espécies e perda de muita biodiversidade em todo o planeta, aumento dos desertos; são fenômenos que já começaram. Não é o fim do mundo, mas é grave. São custos, sofrimento. E quem mais sofre com as consequências são as populações pobres.

No Brasil, temos a maior biodiversidade do mundo, temos água doce, florestas, muita riqueza natural e temos, sim, uma legislação avançada em vários aspectos. O nosso problema é que, muitas vezes, não se cumpre a lei nem se paga multa. Há muita impunidade. É preciso aumentar a participação de todos para controlar e exigir que aquilo que está na lei seja cumprido.

A educação é o aspecto mais decisivo de todos. Principalmente porque os problemas vão atingir a garotada, os jovens quando eles tiverem 30, 40 anos e os filhos deles. Então, a educação é critério decisivo, mas não educação ambiental somente do ponto de vista de ensinar hábitos ou formas de consumo mais sustentáveis. É preciso ensinar a pensar! Porque não sabemos o que é desenvolvimento sustentável. Sabemos, por exemplo, ensinar a reutilizar, a reciclar, a reduzir o consumo, a proteger a natureza, o verde. Tudo isso sabemos!

Mas o que vai ser esse desenvolvimento que melhora a vida humana, inclui socialmente, tira da pobreza quem ainda está lá, mas, ao mesmo tempo, é sustentável? Ninguém sabe, nem os teóricos! E teremos que descobrir e construir isso historicamente agora, nos próximos anos e nas próximas décadas.

O principal da educação ambiental pode ser resumido em: “Temos um problema e todos juntos que temos de fazer as grandes transformações necessárias para evitar crises mais à frente”. Temos que colocar a garotada para conversar entre si, pela internet, e para pensar. O essencial é o espírito crítico.

A parte de cada um

A parte que nos cabe é enorme, porque envolve, primeiro, hábitos de consumo. Envolve proteger o verde, incentivar o reflorestamento, tratar o lixo adequadamente, ter uma energia mais eficiente. Mas envolve, também e necessariamente, fazer política. Não se trata de eleger fulano ou beltrano, mas de agregar em torno de ideias. Conversar frequentemente

sobre o tema, ser consciente de que estamos frente a uma crise, a crise da sustentabilidade, e ir gerando as forças políticas que podem transformar o mundo.

> *As decisões de hoje podem evitar sérios danos à vida no planeta nos próximos 20, 30, 50 anos.*

"Política", em grego, quer dizer agregar em torno de ideias, ou seja, juntar gente nas igrejas, nas comunidades, nas associações de moradores, nas escolas, nas várias redes de que as pessoas participam, para exigir das autoridades de todos os níveis – municipal, estadual, federal e global – que se movam. É muito difícil! A humanidade nunca lidou com isso. Temos que hoje tomar decisões para que coisas ruins não aconteçam daqui a 20, 30, 50 anos. Vamos descobrir agora se somos ou não capazes disso.

Ecopedagogia

Vivemos em uma época de imensas transformações econômicas, sociais, políticas, do próprio pensamento humano. É necessário aceitar que vivemos em uma casa e que temos de tomar conta dessa casa, em nosso próprio benefício. A mudança no processo educacional é a parte mais importante de um amplo processo de transformação em todas as esferas da vida social.

A ecopedagogia ainda não é uma realidade. O que há é um esforço muito grande, geralmente de professoras e professores heroicos, para introduzir uma discussão mais crítica do modelo, da crise de sustentabilidade, aproveitando datas como o Dia do Meio Ambiente, a Semana do Meio Ambiente. Porque, corretamente, o sistema educacional brasileiro pensa em termos de transversalidade. Mas, na prática, como ninguém ficou responsável por dar conteúdo e organizar os processos, nem tanta coisa foi feita assim. Está na hora de mudar isso! Vamos manter a transversalidade. Mas há muito apoio a ser dado aos professores para que eles possam introduzir esse tema, com a profundidade que ele merece, no ensino brasileiro.

Hoje a garotada está mais à frente e cobra: desliga a luz, olha a água, olha o lixo... E isso é que dá esperança para mudar as coisas. A educação ambiental teve um papel muito relevante aí, mas há algo mais: é como se a geração dos mais jovens estivesse internalizando a consciência de que nós realmente precisamos mudar. E mudar de uma forma que ainda vamos demorar algum tempo a entender.

Cidades sustentáveis

Existem exemplos, alguns muito bons, de cidades sustentáveis. O eixo do planejamento estratégico de qualquer cidade importante do mundo é a questão da sustentabilidade. Com destaque para as europeias Copenhague, na Dinamarca; várias, na Alemanha; Filadélfia e outras da Califórnia, nos Estados Unidos. Em nosso país, São Paulo e Rio de Janeiro estão muito engajadas na questão do clima, ou seja, em ajudar o planeta a não se aquecer de maneira complicada neste século. Mas não há nenhuma cidade sustentável, porque também não é mais possível ter só uma cidade sustentável.

Nós somos agora cidadãos locais, do Rio de Janeiro (do bairro da Tijuca, de Campo Grande, de Copacabana, de Jacarepaguá), mas somos também cidadãos globais. Não adianta fazer o dever de casa no nosso lugar e o planeta esquentar muito mais do que dá para suportar. Precisamos atuar localmente, mas somos todos cidadãos do planeta, temos que atuar globalmente. Uma cidade sozinha não será sustentável.

Um Brasil sustentável

Para o Brasil ser sustentável, depende do que ocorre no planeta. Por exemplo, se amanhã conseguíssemos chegar a um índice de desmatamento zero da Amazônia, se um milagre acontecesse, mas se o planeta continuasse a apresentar os piores cenários de aquecimento global, perderíamos quase metade da Amazônia, só com o aquecimento.

O Brasil, sozinho, não consegue ser uma sociedade sustentável, mas o Brasil é um país muito especial no mundo. Nós podemos e seremos uma bússola: temos a maior biodiversidade da Terra, temos uma matriz energética limpa e temos, sobretudo, potencial para nos tornarmos uma referência na discussão do desenvolvimento sustentável.

Porém, muita coisa tem que mudar: o desmatamento, não só da Amazônia, mas do Cerrado; a recuperação da Mata Atlântica; as baías poluídas nas grandes cidades (como a Baía de Guanabara). E um dado da realidade tem que ser transformado: a nossa logística. Nós somos um país do tamanho de um continente que transporta carga em caminhão a diesel. Mas isso ao mesmo tempo é uma oportunidade, pois, ao limpar a nossa matriz de infraestrutura, também vamos ganhar em produtividade e poderemos nos tornar um país mais competitivo.

O futuro

Vale o alerta. Se continuarmos caminhando de forma tão lenta, as várias crises ambientais se tornarão muito graves em muito breve: falta de água, desertificação, extinção da biodiversidade, aquecimento global. É assustador, mas não é o fim do mundo, não é o apocalipse. É custo. É o dinheiro que iria para a saúde, para a educação, para a melhoria da qualidade de vida e que vai ter de ser usado para se consertar o estrago. E, principalmente, é o sofrimento para as populações mais pobres do planeta, pois elas estão em posição mais vulnerável e têm menos recursos para se defender.

A percepção disso tudo pode variar. Quanto maior a escolaridade, quanto maior o nível de conhecimento de uma população, maior tende a ser a percepção de que este é um momento decisivo da história. E que temos uma janela de 10 a 30 anos para mudarmos o rumo do atual desenvolvimento na direção de um desenvolvimento mais sustentável.

Em países onde a população teve mais chance de estudar, teve mais acesso ao conhecimento, há movimentos ainda mais fortes do que os nossos nessa direção. De novo, o planeta, em si, não tem tantos problemas, a natureza do planeta se recupera. Se fizermos tudo errado, daqui a cinco milhões de anos, o planeta vai estar bonitinho, mas nós não estaremos aqui.

O problema é o ser humano, a humanidade e a natureza do nosso tempo. A vida é uma teia: não somos separados da natureza; fazemos parte dela. E ela cobra.

Governos

Os governos têm um problema: eles se elegem em um horizonte de dois anos ou quatro anos, às vezes oito anos. E nós, a humanidade, estamos frente ao desafio de pensarmos mais tempo. É como uma criança que está virando adolescente, é como um adolescente que está virando adulto. Até hoje a humanidade pôde pensar no dia de amanhã, mas agora tem que pensar no dia depois de amanhã e nos que vão nascer ainda depois.

Principalmente, a sociedade deve pedir aos governantes, deve cobrar dos governantes ações na direção da sustentabilidade. E eles responderão, como estão respondendo em vários lugares do planeta.

Índice de Valores Humanos

Sinopse

Um dos princípios mais importantes do conceito de desenvolvimento humano é o de que as pessoas devem ser agentes de seu próprio desenvolvimento. Por isso, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) produz, desde 1990, o Relatório do Desenvolvimento Humano, do qual participam hoje 166 países, incluindo o Brasil. O documento mais recente, divulgado no final de 2010, apresenta uma novidade importante: o Índice de Valores Humanos, que retrata a percepção das pessoas sobre a saúde, a educação e o trabalho.

Entrevistado: Flávio Comim, economista, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que coordenou o Relatório de Desenvolvimento Humano Brasil 2009, 2010 do PNUD.

A criação do IVH

O Brasil foi o primeiro país que, para produzir o Relatório de Desenvolvimento Humano, realizou uma campanha que escutou mais de meio milhão de pessoas. A pergunta era a seguinte: "O que precisa mudar no Brasil para sua vida melhorar de verdade?". Para nossa surpresa, as pessoas começaram a responder: respeito, responsabilidade, confiança, tolerância. Enfim, valores.

O século XX foi da quantidade. No XXI, estamos mais preocupados com a qualidade: da educação, da saúde, do trabalho.

É interessante que, no século passado, se quantificou muita coisa. Já no século XXI, o olhar está mais apurado para a qualidade: a qualidade das relações, da educação, da saúde, do trabalho. Então, o Índice de Valores Humanos voltou-se para o Índice de Desenvolvimento Humano, procurando extrair o que existia em termos de valores. Onde os valores entram na saúde? Onde entram na educação? Onde entram no trabalho?

Por que medir

Colocar as pessoas no centro do desenvolvimento é resolver um grande hiato que existe entre conceito e ação, porque todo conceito de desenvolvimento fala em autonomia, fala nas pessoas como senhoras de seu próprio destino. Mas, quando se parte para fazer indicadores e traçar políticas, ou seja, quando se trata da ação, o conceito é esquecido.

Então, a ideia é ter um indicador qualitativo, mais calcado em percepções, em percepções qualificadas, em relatos de vivências. Os relatos são subjetivos, mas as vivências são objetivas. Assim, é possível resolver essa dicotomia entre o mundo objetivo e subjetivo e conseguir um indicador para as pessoas, diferentemente de tantos outros indicadores que são feitos apenas para os governos.

Resultados

Existe uma separação entre o Sul e o Sudeste e o restante do país. É uma separação que os outros indicadores já mostravam. Mas, dentro do IVH, essa separação existe por razões diferentes, em cada uma das dimensões. Na saúde, porque as pessoas esperam muito tempo nas filas e se sentem desrespeitadas por isso: mais de 51% reclamaram sobre as filas; porque muitas vezes elas vão aos médicos e não entendem o que eles dizem; ou, ainda, não entendem por que não recebem a atenção devida.

Na dimensão da educação, os espaços com um desempenho e uma qualidade melhores

são aqueles onde existe um melhor relacionamento entre pais e professores, onde os alunos respeitam mais os professores e os professores também respeitam mais os alunos.

Na dimensão do trabalho, percebemos algumas curiosidades: primeiro, que as vivências dos homens são melhores que as das mulheres. Não é somente o fato de as mulheres ganharem 60%, 70% do salário deles para o mesmo nível de qualificação e a mesma experiência; elas também não têm sua opinião tão respeitada, além de serem mais desrespeitadas entre os próprios colegas e sofrerem mais abusos. O mesmo se percebe entre as pessoas que ganham menos. Quem recebe abaixo de um salário mínimo não apenas leva uma vida difícil fora do trabalho – porque viver com salário mínimo é muito difícil mesmo –, mas dentro do trabalho relata mais vivências negativas do que positivas.

Há soluções

Para o trabalho, a solução é muito clara: mudar a cultura das organizações. Elas precisam ser mais horizontais, respeitar mais a opinião das pessoas, abrir espaços para que as suas vozes possam fazer parte das decisões a serem tomadas. Essa democratização dos espaços é fundamental para uma melhor qualidade de vida dos funcionários. É preciso pensar culturas organizacionais que levem as pessoas a vivências positivas, independentemente de quanto elas estão ganhando ou deixando de ganhar. E, já que o trabalho é uma parte importante na vida, que seja prazeroso, que dê sentido.

Não é que as pessoas não entendam a letra do médico. Elas não entendem o que ele diz durante as consultas.

No âmbito da saúde, é necessário humanizar, fazer com que existam métodos para que as pessoas se sintam mais bem atendidas e para que a linguagem utilizada por médicos e por equipes de saúde em geral seja uma mais acessível. No IVH, 37% das pessoas que acham difícil a linguagem utilizada pelos médicos. Não é que não entendam a letra nas receitas; não entendem o que ele diz.

Aos 16 anos, 40% dos jovens não estão na série que deveriam estar cursando.

Na educação, há uma desfuncionalidade nas escolas, pois os professores, quando podem, faltam ao trabalho porque estão cansados; há, também, um descompasso entre pais e professores, em que um culpa o outro pelos insucessos com os alunos. E existe, ainda, por parte dos alunos, uma grande perda do sentido da educação, causando um índice de abandono muito grande. Aos 16 anos, 40% dos jovens não estão na série que deveriam estar cursando.

Diferença entre gêneros

Uma constatação interessante no relatório é a de que as mulheres se mostram com maior tendência ao altruísmo, ou seja, se preocupam mais com os outros do que consigo mesmas. E, seguramente, isso tem a ver com o padrão duplicado de educação adotado pelos pais, em que meninas são criadas com valores diferentes dos valores dos meninos.

Isso vai aparecer muito em grupos de escolaridade mais baixa; vai-se refletir em culturas organizacionais nas quais os homens oprimem outros homens e mulheres; na relação mais distante do homem do que das mulheres com o meio ambiente; e até na

violência doméstica. Então, o indicador nos traz uma perspectiva diferente para pensar sobre essa realidade.

IVH Saúde: 0,45

O número aponta que, em comparação com as outras dimensões, essa merece mais cuidado. E parte do problema não está apenas nos resultados, no valor da expectativa de vida do brasileiro, que oscila por volta de 73 anos – e, diga-se de passagem, é uma das mais baixas dos países da América Latina com alto desenvolvimento. Não é só isso. É a noção de que se pode viver esse tempo, sim, mas sentindo-se desrespeitado a cada vez que se busca atendimento em saúde.

O importante é que, agora, a informação está sendo passada para o público, não para os governos. A maior parte dos indicadores ou é de indicadores para o mercado (o dólar subiu, o dólar desceu), ou é de indicadores de governo. Mas, dentro do desenvolvimento humano, é importante informar o cidadão, para que ele possa exercer os seus direitos, para que possa cobrar. O que estamos fazendo com esse indicador é sinalizar o problema.

IVH Educação: 0,54

Sobre educação, entrevistamos três grupos: professores, alunos e pais. Percebemos que o grande problema da educação brasileira hoje é a baixa qualidade! Mas, para conseguir superá-la, a escola tem que funcionar. O pai tem que falar com o professor, o professor tem que falar com o pai, o aluno tem que receber parâmetros dentro dos quais ele saiba o que é certo e o que é errado. A importância dos valores não é apenas instrumental. Hoje, parece que a única coisa que importa para o aluno é se formar para ter emprego depois. Mas ele deveria ser formado para a vida, ser formado como cidadão, como pessoa que possa refletir de maneira mais ampla.

Isso nos faz olhar para o que chamamos de PPPs, que são as práticas parentais positivas. Na maior parte das vezes, os pais acham que se eles forem bonzinhos com as crianças, estão fazendo seu trabalho. Mas os filhos de pais permissivos são os que vão pior na escola, pior até que os filhos de pais autoritários. O melhor, claro, são os pais participativos.

IVH Trabalho: 0,79

Comparativamente em relação às outras duas áreas, os brasileiros estão mais otimistas com o trabalho. Foi a primeira vez que fizemos um estudo dessa natureza. No momento, sabemos que existem diferenças regionais, de gênero, de classe salarial, de educação. Isso nos dá uma ideia de como melhorar as culturas organizacionais, os valores dentro daquilo que é grande parte da nossa vida, o trabalho.

O desafio agora é fazer com que as pessoas se importem não com o próximo que elas conhecem, mas com o que não conhecem. E, para isso, elas devem estar motivadas. Devemos ter uma agenda de cultivar a humanidade das pessoas. O desenvolvimento humano, se não contemplar a transformação do humano, não é desenvolvimento.

Há 20 anos, eu trabalhava na agenda de consumo sustentável em Genebra. E meu grupo pensava: “Será que algum dia as pessoas vão falar em reduzir, reutilizar, reciclar?”. Porque não víamos a possibilidade de que esses valores verdes fizessem parte da vida das pessoas. Demorou algum tempo para que isso acontecesse.

A agenda de valores, hoje, corresponde à agenda da sustentabilidade de 20 anos atrás. Muitos vão olhar para ela e dizer: “Não! O que é isso? É muito intangível!”. Há um caminho longo a seguir, mas estou convencido, como coordenador do relatório, de que essa é uma agenda importante para o futuro.

Gestão escolar

Sinopse

Discutir que escola se quer realmente ter, liderar a construção e a implantação de um projeto político-pedagógico, incentivar professores, alunos e funcionários, envolver a comunidade e os responsáveis pelos alunos no projeto. E, ainda, lidar com toda a burocracia que envolve a administração de uma escola, seja ela pública ou particular. Não é pouca coisa e exige muito de pessoas que, até por uma questão histórica, não estão nem se sentem, em sua maioria, totalmente preparadas para isso.

Entrevistada: Débora Dias Gomes, mestre em Gestão e Educação pela Unirio.

O gestor escolar

Mudou muito. A gestão era vista como algo realmente burocrático, uma organização de estruturas físicas e pouco humanizada, o chamado modelo de gestão tecnicista. Esse modelo mudou para uma forma contemporânea, humanizada, que requer participação. Então, é óbvio que, de um modelo para o outro, precisa mudar também o perfil do gestor.

Considera-se um bom gestor aquele que prioriza o aluno e a aprendizagem de qualidade que ele deve receber.

É necessário ter uma visão histórica disso tudo. No setor privado, existia um caminho traçado: a pessoa deveria ter estudado administração escolar. No setor público, por causa de indicações e eleições, muitas vezes víamos diretores de escola com formações variadas, não necessariamente em Pedagogia, em cujo âmbito se estuda administração escolar. Muitos deles assumiram o desafio de serem gestores tendo tido uma formação de Geografia, de História e, com certeza, começaram enfrentando o desafio de um autodesenvolvimento.

Para ser um bom gestor, a prioridade é o aluno e seu sucesso escolar; é como esse aluno vai receber aquilo a que tem direito, ou seja, a aprendizagem de qualidade. E aí, até esse termo "qualidade" é bastante polissêmico. Tem a ver com a qualidade social, a qualidade dos próprios serviços que a escola tem para oferecer.

O gestor precisa, em seu dia a dia, olhar o relacionamento da escola com os pais, com a comunidade, pensar no desenvolvimento da equipe, no funcionamento da sua unidade, no sentido de tempo e espaço, ver os próprios processos de olhar a escola no futuro.

Onde começa o trabalho

O trabalho do gestor começa quando ele pensa na escola e no papel que ela tem. Qual a concepção de educação seguida, o que se projeta para o futuro? O projeto político-pedagógico tem justamente a finalidade de sistematizar esse processo, de posicionar a escola, tanto pedagogicamente como institucionalmente. Sua atividade fim é a aprendizagem. Mas como organizar essa ambiência para dar ao aluno, seja ele de unidade pública ou privada, um processo de aprendizagem realmente significativo?

Participação dos pais

Existem numerosas pesquisas que mostram a importância da participação dos pais na escola. Essa participação tem várias dimensões, desde aquela que é fundamental, ligada à rotina do seu filho com relação à

aprendizagem. Hoje, vemos como um desafio muito grande ter pais comprometidos com o próprio filho em seu processo de aprendizagem. Isso é um obstáculo que precisamos superar como sociedade.

Os pais são atores fundamentais no processo de gestão participativa da escola.

Outra questão é a escola envolvendo os pais, porque esse processo de gestão participativa fortalece inclusive as decisões da própria unidade.

Um diretor que tenha esse foco vai fazer questão de ouvir as percepções dos diferentes atores, e os pais, com certeza, são fundamentais nesse processo. Esse gestor também é quem responde à Secretaria de Educação, a outras instâncias externas, aos pais, quem responde por processos. A palavra "responsabilidade" quer dizer "responder por".

Projeto político-pedagógico

Creio que o maior engano do gestor é a falta de conhecimento do que seja um projeto político-pedagógico.

Tive uma experiência de ajudar algumas escolas, e até uma rede inteira, nessa construção do projeto político-pedagógico. E percebi, nessa minha pesquisa, que muitos gestores confundiam projeto político-pedagógico com pedagogia de projetos. Muitas vezes eu perguntava: "Onde está e qual é o seu projeto político-pedagógico?". E me respondiam assim: "Ah, o tema deste ano é Brasil 500 anos ou Brasil Copa do Mundo".

Todo ano a escola precisa didaticamente criar um eixo, um tema, que é o desdobramento do projeto político-pedagógico. O PPP não muda a toda hora, porque ele tem as orientações institucionais permanentes. É justamente a partir da sua concepção que a escola pensa seu papel social.

Motivar o aluno

O professor não pode se desmotivar porque o aluno está desmotivado. Seu papel é justamente tornar a aula atraente para, pelo menos, um percentual maior da classe. Ninguém é salvador da pátria; alguns alunos podem não ser despertados para esse interesse. Mas estamos falando do papel da escola nesse sentido. Ela precisa ser mais atraente para o aluno.

A palavra "motivação" significa "motivos para uma ação". Esses motivos precisam ser criados, e o professor está ali justamente para estimular essa motivação.

Quando pensamos em gestão, existe um foco, uma dimensão, que é justamente a gestão de pessoas. Precisamos saber que é natural que o professor, a merendeira ou o inspetor se desmotivem por não perceberem qual é a importância do seu papel ali, seja lá em que função for.

Basta fazer uma pesquisa sobre qualquer teoria voltada aos recursos humanos para se perceber que não é somente a remuneração o único objeto de satisfação e bem-estar desse trabalhador. É preciso criar uma atmosfera em termos de relacionamento, é preciso capacitar, desenvolver.

Hoje sabe-se que é importante investir na formação continuada, de maneira criativa, persistente e cientificamente fundamentada.

Ao pensar em gestão de pessoas, deve-se entender que produtividade e aprendizagem são dois lados de uma mesma moeda. Então, que se construam sistemas de educação continuada, que é o famoso processo da formação continuada, de maneira intencional, persistente, criativa e cientificamente fundamentada.

É claro que existe a questão, da parte do professor, da falta de tempo. Mas é por isso que a escola precisa voltar a atenção para a gestão escolar. Há que se remir esse tempo.

Precisamos organizar o tempo da escola para termos espaços de convivência, espaços de aprendizagem, espaços de resolver problemas nesse coletivo, de se construir um projeto, de se falar sobre um aluno e as suas dificuldades. Precisamos repensar muita coisa.

Disciplina e comportamento

Não é fácil trabalhar a questão comportamental! Seja lá qual for o mecanismo utilizado, há uma hora em que isso começa a ser banalizado. Na criação de mecanismos de punição, por exemplo.

Os professores devem criar mecanismos comportamentais sim, mas existe uma forma inteligente de trabalhar isso. Porque nós, seres humanos, aprendemos com as perdas, não é? Então, em vez de pensar em castigos que não façam aprendizagem, o que precisamos é dizer: "O.k., está acontecendo isso e você vai perder alguma coisa. O quê?".

O gestor precisa fazer o que é, de fato, o papel dele, de preferência no que chamamos de construção coletiva. Seu desafio em um momento desses, com vários atores, é ser realmente o crítico da questão, levando as pessoas a pensar.

O que importa? O que importa é como vamos construir, aqui, formas de mudar, de transformar essa percepção que os jovens têm diante da vida. Existem exemplos fantásticos de pessoas, professores que não desistiram e que conseguiram ter respostas maravilhosas de mudanças comportamentais.

Recursos x criatividade

A escola precisa ser atraente, e atraente não significa ser lúdica, ser um lugar só de festa, de brincadeira. Atraente significa algo que, em algum momento, mexa com aquele coraçãozinho e ele perceba: "Epa! Alguém aqui se importa comigo".

Humanizar os espaços da escola, na verdade, requer mais criatividade do que propriamente recursos financeiros.

O que é mais estimulante, na verdade, é o ambiente, e a construção desse ambiente não necessariamente requer tantos recursos financeiros, e sim criatividade; humanizar os espaços. Às vezes, uma planta em um canto já muda um pouco a atmosfera.

As escolas, a educação, a sociedade sofrem da síndrome da falta de recursos. E a forma de se construir, de superar essa limitação, pode começar nas relações humanas, na volta ao coletivo.

Outro exemplo são as parcerias com universidades, com instituições do entorno, da comunidade. Com certeza, hoje são muito comuns esses programas nas escolas públicas, de buscar parceiros na comunidade. Por isso, insisto que, se soubermos o que queremos, vamos fazer uma mobilização. Se construirmos essa ambiência, os recursos chegam. Muitas vezes com a própria relação da escola, por meio do seu gestor, com a comunidade.

Adolescência saudável

Sinopse

Adolescentes. Nem crianças, nem adultos, eles sofrem em busca de uma identidade própria. Uma hora tristes, outra alegres. Ora revoltados, ora inertes. A tal montanha-russa de emoções os torna imprevisíveis. São os pais e a escola que vão dar os contornos desse caminho, as ferramentas para que se tornem adultos saudáveis e autônomos.

Entrevistado: Cesar Ibrahim, psicanalista especialista em terapia de adolescentes.

A adolescência "esticada"

A adolescência é entendida tradicionalmente como o período cronológico que se coloca entre a infância e a vida adulta. De 30, 40 anos para cá, vivemos esse fenômeno curioso de abreviação da infância e de alongamento da adolescência, que se inicia mais cedo e termina mais tarde. Esse é um processo que preocupa especialistas, pais e educadores.

As mudanças começaram na metade do século XX, com a nova maneira com que as famílias passaram a se constituir a partir do advento da pílula anticoncepcional.

Os efeitos da pílula sobre a maternidade produziram uma relação completamente nova da mulher com o mundo e com a sexualidade.

No século passado, o homem ficava com o sustento da família e a mulher cuidava da casa.

Lá atrás, no início do século XX, a família se constituía da seguinte forma: o pai era o provedor, e a mãe era encarregada das atividades domésticas. A partir da segunda metade do século XX, as mulheres foram para o mercado de trabalho, adquiriram a liberdade sexual, e a duração média dos casamentos começou a diminuir.

Assim, o casal da segunda metade do século XX passou a produzir um projeto de vida estável. Nesse contexto, a decisão de ter um filho foi prorrogada para depois da estabilização financeira, da conclusão da pós-graduação, do Doutorado. A geração da prole seria uma espécie de etapa final desse projeto, e o nascimento dos filhos viria envolto em uma fantasia de perfeição, uma ideia de felicidade compulsória.

Os paradoxos de uma geração

A expectativa gerada em torno dos filhos faz com que os adolescentes de hoje sejam cercados de cuidados e regalias e acompanhados de um paradoxo muito curioso. Nunca os pais de uma geração se dedicaram tanto a sua prole e, ao mesmo tempo, lhe deram tão pouca atenção.

As famílias se preocupam, buscam a melhor forma de educação, alimentação, etc., mas terceirizam esses cuidados. Não só não oferecem afeto suficiente a seus filhos como também negligenciam cuidados específicos que outras instituições sociais, como, por exemplo, a escola, não têm como suprir integralmente.

A escola tem um papel importantíssimo na condução, na continuidade da educação, que deve começar consistentemente dentro de casa. Mas essa educação dentro de casa é uma educação cercada de cuidados excessivos que produzem uma espécie de

bolha, de redoma, que separa a criança do mundo real. São excessos bem-intencionados, mas excessos.

O papel da escola

Na transição da infância para a adolescência, em geral, a criança não se conforma com esse rito de passagem. A escola tem importância fundamental porque retira a criança de uma espécie de trono que ela ocupa dentro de casa e a lança na universalidade da lei. Ou seja, na escola, a regra é universal, vale para todos.

A escola é fundamental porque serve como transição entre o mundo familiar e o mundo real.

Aquela regra específica que havia dentro de casa, onde tudo podia, onde os adultos satisfaziam suas vontades, não existe dentro da escola, que é uma espécie de representação metafórica do mundo exterior. A criança começa a ensaiar a vida do mundo real.

Filhos x alunos

Quando me dirijo a pais, seja dentro do consultório, seja fora, vejo que eles se ressentem de uma escola mais rigorosa. Em geral, a pergunta dirigida à escola – e isso me surpreende – é: "O que você vai fazer pelo meu filho?". A escola não deve e não tem como responder a isso. Quem tem algo a fazer pelo filho, em princípio, é a família. A escola tem algo a fazer pelo aluno.

Existe essa confusão entre filho e aluno. Os pais entregam filhos dourados, príncipes e princesas, para a escola. A escola não recebe filhos, não recebe príncipes. A escola recebe alunos. Seu papel é horizontalizar o lugar que o sujeito passa a ocupar no mundo. Ele começa a esboçar a "carteirinha de sócio" que vai ganhar da civilização.

Então, a família se ressente da escola: "A escola não está fazendo pelo meu filhinho aquilo que eu esperava". E, por outro lado, a escola também tem um discurso ressentido. "Os pais não estão funcionando à imagem e semelhança que gostaríamos." Esse não parece ser um bom caminho.

Escola e família precisam se tornar cúmplices para estabelecer aquela velha e desejável aliança. Mas isso não pode ficar, de forma alguma, na retórica.

A escola tem de exigir dos alunos aquilo que, eventualmente, não está sendo exigido em casa. E as famílias precisam dar uma espécie de aval: "Já que matriculei meu filho nessa escola, já que confiei meus filhos a essa escola, preciso aceitar que ela dê à educação do meu filho a trajetória que julgar interessante".

Adolescência: um momento hedonista

É preocupante vermos jovens de 20, 30 anos agindo como adolescentes.

Frei Betto diz que há um tripé básico para a construção da identidade do adolescente hoje: fama, beleza e riqueza. Isso mostra o caráter imediatista e pragmático da adolescência contemporânea: "Eu quero saber do meu prazer imediato", seja do videogame, das substâncias químicas ou da sexualidade, que está começando a ser vivida.

A dificuldade maior para a família ou para a escola é fazer com que os adolescentes abram mão de uma parte desse prazer imediato para se aterem a objetos de interesse um pouco mais amadurecidos e compatíveis com a idade cronológica em que estão.

É muito preocupante essa adolescência de caráter interminável ou quase interminável. Por isso, vemos hoje jovens de 20, 30, 35 anos que, a despeito da idade cronológica, agem como se fossem adolescentes.

Esse é um fenômeno no qual não há culpados, já que é sócio-histórico-cultural. Nem inocentes. Há uma parcela de responsabilidade da família, porque não conseguiu destronar seus filhos, crianças tirânicas. E há uma parcela da escola, que não conseguiu, como deveria, se contrapor efetivamente a esse reinado extenso que a família propôs.

Há uma tarefa para a escola, sim. O professor, cada vez mais, deve estar ciente da necessidade civilizatória de, acima de tudo, retirar o aluno do trono.

Quando deixar os filhos voarem do ninho

A responsabilidade que o adolescente revela no cotidiano possibilita mais confiança por parte dos pais.

Não existe receita, mas há indicadores razoavelmente seguros para avaliar se o adolescente está no caminho certo para se tornar autônomo.

Se seu filho está reivindicando mais espaço, quer viajar, quer chegar mais tarde, etc., observe se ele consegue acordar de manhã sozinho, se é responsável por sua alimentação e higiene, se tem hora para estudar, se avisa caso vá voltar mais tarde do que o combinado. Esses sinais do cotidiano são uma espécie de conjunto de credenciais que possibilitam, por exemplo, uma viagem no fim de semana ou no fim do ano.

A transgressão

A transgressão não é exclusividade da adolescência, mas faz parte integrante da condição humana. As regras civilizatórias existem para conter adultos e adolescentes, e a transgressão é inevitável. O adolescente experimenta. Essa talvez seja a principal distinção entre adolescência e vida adulta.

O adolescente testa a capacidade do educador, do legislador que está em volta dele – pai, mãe, professor. Ele testa até onde esse sujeito será suficientemente competente para contê-lo. No fundo, ele espera que seja contido, porque, como um quadro bonito, todo adolescente precisa de moldura. E a moldura representa alguém que vai dizer para ele: “Não passe nem mais um milímetro desse ponto!”. O adolescente pode protestar, pode chorar, mas é disso que ele precisa.

Essa tarefa pode causar dor e revolta e, às vezes, é difícil para os pais. Mas eles precisam saber que educação analgésica não existe. Educar significa que vai ter de contrariar, e contrariedade produz sofrimento, inquietação e, eventualmente, revolta.

É com isso que os pais têm de aprender a lidar. O mesmo serve para o professor. Professor bonzinho o tempo todo é sinônimo de permissividade. A dor é parte integrante do desenvolvimento humano.

Os pais não podem fugir da realidade: para uma educação bem-sucedida, é inevitável que haja sofrimento.

Consumo e infância

Sinopse

Antigamente, era brincar, brincar e brincar. Hoje, para boa parte das crianças, passear no shopping e fazer compras é sinônimo de diversão. Em tempos de violência urbana, as paredes desses centros de consumo parecem bastante seguras. Mas será que são mesmo? Que efeitos os novos hábitos de consumo estão tendo na formação das crianças? Alguns estudiosos acreditam que o consumismo infantil pode levar à obesidade, à erotização precoce, ao estresse familiar, à violência e ao consumo de álcool e de tabaco.

Entrevistada: Gabriela Vuolo, coordenadora de mobilização do Instituto Alana, ONG que atua na comunidade, na educação, na defesa das crianças e para o futuro delas.

Consumo x consumismo

Consumismo é o excesso; aquilo que não é o necessário, aquilo que é além da conta. Vivemos em uma sociedade de consumo, as crianças estão inseridas nisso, os pais estão inseridos nisso. Dizer "não vamos mais comprar" é inviável, não faz o menor sentido. O que preocupa é esse excesso, essa compulsão de comprar sem que exista uma real necessidade.

Desde muito pequena, a criança já recebe mensagens, apelos de consumo. Às vezes, ela nem sabe ler, mas já reconhece marcas, símbolos, sabe repetir uma palavra ou outra do comercial. Não entende muito bem o que é aquela mensagem, muitas vezes nem diferencia o que é programa do que é publicidade na TV. Tudo é meio misturado.

Na internet, a situação se complica ainda mais, porque a criança vai brincar com um jogo e a exposição da marca está ali o tempo todo, os produtos estão ali o tempo todo. O limite entre o que é entretenimento e o que é propaganda fica ainda mais tênue. Na televisão, é um pouco mais demarcado, mas vemos muitas inserções de marcas de produtos no meio dos programas. Isso aparece nas novelas e, infelizmente, também nas atrações infantis.

Legislação na tevê

A criança brasileira ainda é uma das que mais assistem a televisão no mundo. Segundo uma pesquisa do Ibope (2010), a média é de cinco horas e cinco minutos por dia. Obviamente, algumas assistem somente a uma horinha no final do dia, mas outras passam muitas horas na frente da TV, mais tempo até do que ficam dentro da escola.

O Brasil não possui uma lei específica sobre o assunto, como outros países onde existe uma quantidade permitida de publicidade por hora de programação e algumas regrinhas que não podem ser ultrapassadas. Aqui, só existe o Código de Defesa do Consumidor, que é uma legislação mais ampla. Ele aborda muito pouco a publicidade infantil. Considera propaganda abusiva e, portanto, ilegal aquela que se aproveita da ingenuidade da criança. Mas não deixa claro o que é isso exatamente. Fica muito a critério de quem estiver julgando o caso.

Efeitos da publicidade

Mas quais os efeitos da publicidade sobre as crianças? Entre os impactos do consumismo infantil e da publicidade, temos visto muito a questão da erotização precoce. Anunciam-se desde produtos antienvelhecimento para meninas de 8 anos até sutiãs com enchimento para meninas de 6. As modelos infantis usam roupas sensuais, maquiagem carregada, sapatos de salto. A criança é colocada em um universo que não é o dela. Isso preocupa porque não sabemos o que vai acontecer quando essa criança se tornar um adulto.

Há uma contradição entre o estímulo ao consumo e a conscientização para a sustentabilidade.

Outra questão é sustentabilidade. De um lado, há o estímulo ao consumo desenfreado, e, de outro, falamos que se deve reciclar o lixo. É completamente incongruente, a criança certamente fica confusa com essas mensagens: "Posso consumir o que quiser desde que recicle depois?". E não é por aí.

Sabemos que o planeta está sofrendo com recursos escassos. Estamos vivendo uma crise climática, não dá para consumir desenfreadamente mesmo que se tenha dinheiro para isso. Há reflexões que precisam ser estimuladas: "Será que preciso comprar isso? Se já tenho dez Barbies, preciso de mais uma? É plástico, será que não dá para ser um outro material?".

Outra questão é a do estresse familiar. A publicidade é feita de uma maneira que incentiva a criança a pedir insistentemente. É o que alguns especialistas chamam de "fator amolação". Quantas vezes ela vai amolar o adulto até que ele ceda aos seus pedidos?

Os pais também estão inseridos nessa sociedade de consumo e, muitas vezes, foram criados dentro desses valores consumistas. Não sabem fazer de outra maneira; o exemplo que tiveram é o que vão passar adiante. Mas carregam, ainda, um pouco de culpa: a compensação pela ausência.

Hoje, os pais trabalham muito e dedicam pouco tempo às crianças. Compensam essa ausência com presentes, o que, na verdade, não resolve muita coisa. E estimulam o valor do "ter" acima do "ser": você só é feliz, só é alguém se tiver alguma coisa, independentemente da relação que tenha em família.

O mercado já percebeu que, por causa do "fator amolação", vale a pena anunciar produtos de adulto para a criança. Ela vai pedir, porque tem um bonequinho simpático, como mascotes infantis em produtos de limpeza. O que, além de ser antiético, também é perigoso, porque se está falando de um produto que teoricamente a criança não pode manusear. Chegamos a ver inseticidas anunciados em canais infantis. Como se anuncia um produto de que a criança não pode nem chegar perto em um canal exclusivamente infantil?

Muitas vezes, a criança não está pedindo presentes, mas quer passar mais tempo com os pais.

O mesmo acontece com a publicidade de automóveis. Se a criança não dirige, por que sempre há uma delas e um cachorrinho fofinho, um personagem infantil nos anúncios? Porque se sabe que a criança vai pedir insistentemente para os pais, e eles vão ceder.

Vemos, muitas vezes, a criança pedindo um produto, mas o que ela quer é atenção. Ela pede para o adulto preencher um vazio que não será preenchido com presentes, mas com um pouco mais de companhia. Não adianta dar presente, mas dar presença!

Objetos de desejo

Existem, ainda, os chamados objetos de desejo. Um deles é o celular. Crianças, às vezes muito pequenas, já têm celular. A Alana faz uma pesquisa de monitoramento da publicidade direcionada ao público infantil, em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo, sempre 15 dias antes de datas comemorativas. Ano passado, foram monitorados o Dia das Crianças, o Natal e a Páscoa. Um

dado que chamou muito a atenção foi que os celulares eram o terceiro tipo de produto mais anunciado no Natal, só perdendo para brinquedos e produtos de entretenimento.

O brinquedo é um produto infantil, é natural que se anunciem brinquedos para criança, ainda que devessem anunciar para os pais. Produtos de entretenimento e DVDs também são anunciados para crianças. Mas celular, decididamente, não é um produto infantil.

Em volume

Foi bastante impressionante o resultado do monitoramento do Dia das Crianças; em 15 dias, uma empresa anunciou cerca de 9 mil vezes em 15 canais. É realmente um massacre, não há outra palavra. Na Alana, monitoramos 15 canais: seis abertos e nove pagos de programação infantil. Nesse período, só a Barbie foi anunciada 2.600 vezes. Isso se repetiu no Natal, apesar de ter havido uma certa diluição. De novo, a empresa que fez mais anúncios replicou-os cerca de 6 mil vezes. Então, realmente não há limite.

Outra constatação foi que os dois canais que tiveram mais anúncios e ultrapassaram o limite permitido por lei são infantis. Muitas vezes, colocamos nossos filhos para assistir a um canal infantil acreditando que eles estejam relativamente protegidos, porque o conteúdo é mais selecionado e não ficarão expostos a programas de violência, etc. Mas, ao mesmo tempo, vão estar expostos a um volume muito maior de publicidade.

Alimentação

A alimentação é uma questão preocupante também. Os dados mostram que as crianças conhecem marcas de salgadinhos, mas não conhecem nomes de frutas. Isso está-se refletindo como um impacto na saúde com um aumento impressionante nos índices de obesidade infantil. Uma em cada três crianças apresenta sobrepeso, segundo o IBGE, e cerca de 15% delas já estão realmente obesas. Temos visto cada vez mais em nossos estudos a ligação entre a publicidade de produtos não saudáveis e o aumento do índice de obesidade, principalmente entre as crianças.

Essa associação entre personagens, brinquedos e comida não é boa. O lanche que não é saudável vem com um brinquedinho – a criança nem está importando-se muito com aquele lanche, poderia até comer um prato de comida, mas quer o brinquedo. Ou, então, compra o salgadinho porque dentro há uma figurinha ou um personagem de que gosta na embalagem; é todo um consumo associado.

Foi feito um acordo entre a Justiça e algumas empresas que têm essa prática de venda, para evitar caracterização de venda casada. As lanchonetes são obrigadas a vender o lanche separado do brinquedo, se isso for solicitado. Mas não é uma regra com força de lei.

Espumante para criança

Como se não bastasse tudo o que já falamos, foi lançado, no final de 2011, durante o período de festas, um espumante para crianças. É uma bebida sem álcool, mas em uma garrafa que parece de champanhe, estampada com um personagem infantil. As meninas tinham o Espumante das Princesas, e os meninos, o Espumante dos Carros. Em vários supermercados, a bebida estava na seção de bebidas alcoólicas, na prateleira mais baixa, que é justamente onde a criança tem acesso.

O produto é um estímulo ao consumo de álcool para crianças pequenas, realmente, porque princesas e carrinhos pertencem ao universo infantil. Exposto na prateleira baixa, que mensagem passa para a criança? “Meu pai bebe o champanhe dele, eu vou beber o meu champanhe também.” É ou não é um estímulo ao consumo precoce de álcool?

Literatura, internet e novas gerações

Sinopse

Muita gente acredita que a internet representa um perigo para o hábito da leitura. Entretanto, alguns especialistas afirmam que nunca se escreveu tanto quanto hoje. Poesia inclusive. Saraus que reúnem centenas de pessoas, no Rio de Janeiro e em São Paulo, para ler e ouvir poesia, parecem coisa de outro século, mas não são. De onde vem a força dessa nova cultura urbana? E qual o papel das periferias literárias nesse novo mundo?

Entrevistada: Heloisa Buarque de Hollanda, professora, pesquisadora e escritora.

Internet e periferia

Realmente, são dois tsunamis que estão vindo por aí. O século XXI será marcado por essas duas grandes transformações. Há toda uma classe, que seria hoje a periferia, ou a classe C, emergindo com força total, com novos valores, com novas linguagens, com propostas estéticas muito novas também. E há o mundo digital, que, realmente, veio para ficar. Não podemos nem reclamar, mas identificar o que é possível fazer de melhor com tudo isso.

A tecnologia digital não mudou a forma de literatura. A forma de fazer literatura já estava mudando. Se olharmos para um Cortázar, para um Borges, vemos que já existia interação, hipertexto, já existia tudo isso. A tecnologia vem porque é necessária. Ela não vem para mudar, vem porque já mudou. E a literatura mudou há muito tempo. A poesia concreta se espalha, vira objeto. A literatura esteve desconfortável pelo século XX inteiro. Querendo mais espaço, querendo alguma coisa além do papel. Estava meio presa, dando sinais de prisão.

Existe hoje essa possibilidade de muitas camadas na literatura, possibilidade do autor mais múltiplo – porque a autoria também é uma invenção da época da Revolução Francesa, não existia anteriormente. As obras eram coletivas. A variável *autor* não era uma variável importante. Ela se tornou importante quando começamos a depender de um mercado cultural. Então, é uma coisa datada. Há uma volta hoje ao conceito de múltiplos autores, autoria compartilhada.

Leitores e autores

Essa nova lógica muda a relação do autor/leitor. Os novos ficcionistas, por exemplo, Andréa del Fuego, Cecília Giannetti e mesmo o Cuenca, esses ficcionistas da década de 1990, ironizam muito o papel do autor. O autor onipotente, o autor único já não é importante, já não é esse o narrador da ficção. E a presença do leitor é óbvia.

> *A* fanfiction *está atraindo os adolescentes para a literatura. Isso é muito positivo!*

Acredito que o leitor mudou mais do que o autor. Hoje, existe um leitor ativo. Ele mete a mão no texto! Surgiu a *fanfiction*, que é sensacional! Uma comunidade de fãs de determinado autor se encontra na internet e começa a reescrever, a escrever novos textos com aquelas personagens. Por exemplo, Machado de Assis.

A Capitu, em um texto, vira prostituta, no outro, vira santa. O Bentinho, louco. Então, estão mexendo naquele universo, contando a sua Capitu, o seu Dom Casmurro. E Machado de Assis é um *hit* na *fanfiction*. Tem muito fã, e estou falando de adolescentes!

Adolescente nunca leu Machado de Assis, mas agora lê para fazer *fanfiction*! Isso começou com *Harry Potter*, *Guerra nas Estrelas*. A indústria de cinema já está usando isso. O George Lucas usa o grupo de fãs dele para criar efeitos especiais. Ele disponibiliza a tecnologia e deixa os fãs se virarem. Então, o leitor mudou muito mais que o autor. E o autor está começando a se cuidar para lidar com esse novo leitor. Essa realidade não volta atrás.

O futuro é o aplicativo. Estou agora começando a fazer, na Editora Aeroplanos, aplicativo de outros autores, que vai se chamar Aeroplanos Ideias. Ao mesmo tempo, estou investindo muito nesse momento em dois livros também em forma de aplicativo. Ou seja, com vídeo, som, comentários pessoais sobre eles. Fala o autor e fala, também, quem está sendo criticado! É quase um filme, mas é um livro; não é um filme. Tem a lógica de um livro filmado.

Estou fazendo um livro chamado *Anos 60*, que vai virar um roteiro para eu fazer um aplicativo. E esse aplicativo vai ser assim: eu falo muito em Cinema Novo, vai aparecer o Cinema Novo, vai aparecer o depoimento sobre Cinema Novo, vai aparecer Tropicalismo ao vivo, vai aparecer música. É um mundo novo! E um outro livro chamado *Sinais de Turbulência*, sobre a periferia também, com a participação total da periferia ao vivo no livro.

> *O cheirinho inconfundível do livro sempre vai existir.* Tablet *não tem cheiro.*

Não estou abandonando o livro impresso! Vou comprar o livro impresso, mas não vou fazer mais. O livro impresso não acaba. Ele está cada vez mais bonito, será um objeto intenso de desejo. O tal cheirinho do livro continua existindo, apesar de ser possível até criar o *software* com o cheirinho do livro. Cheirar o *tablet* não é uma coisa boa. O bom é cheirar o livro.

O livro vai ser cada vez mais livre, as editoras estão muito bem, e o livro cada vez mais assume esse papel que é dele, o do prazer intenso. Agora, a informação já saiu do papel, a informação já está no suporte digital.

São dois prazeres diferentes! Se eu for ler um livro policial, prefiro em um *tablet*. Se for ler um livro de arte, obviamente será em papel. Então, são narrativas diferentes! Não sei nem se é para chamar de literatura essas novas formas narrativas transmídia. Acho que não; acho que está nascendo um outro gênero.

Blogs e blogueiros

O blog surgiu em 1993, para uma campanha ambiental. Então, é um *software* criado para espalhar uma notícia. Em um ano, os blogs tornaram-se a ferramenta mais usada da internet. Foi muito rápido, por causa desse poder viral que eles têm, não necessariamente interativo. O mais importante é seu alcance. Mas, depois, passaram a ter um uso interativo muito interessante.

Para a literatura, mais do que o leitor influenciar o autor, como se imagina, o blog funciona para criar uma comunidade de leitores. Por exemplo, a Ana Paula Maia fez um livro primeiro na internet. Quando lançou em papel, vendeu muito, pois já existia aquela comunidade de leitores que vão ao lançamento, às livrarias e compram o livro. Então, isso pode ser visto como uma estratégia.

Não é à toa que Paulo Coelho é um gênio do marketing. Ele fez um site chamado *Pirateie Paulo Coelho* e vendeu o dobro depois disso. Porque ler no computador, não é confortável. A pirataria não é sempre um gol contra. Ela é uma estratégia de divulgação.

Alguns blogs são apenas blogs, e outros são blogs de autor. Blog de autor é aquele em que o autor vai postando como se publicasse um folhetim e vai vendo a reação. A resposta chega imediatamente. É uma estratégia de escrita. O texto muda também. É menos sofisticado, menos trabalhado. Porque o papel do editor é muito importante. O editor mexe muito no livro. E não sei se o autor de blog aceita bem as críticas dos seus companheiros leitores, dos seus colegas. Acho que ele mexe muito pouco, se for o caso.

A figura do editor é uma figura de curador, bastante importante e que ganha em intensidade, interatividade, participação. Essa figura do editor era muito controladora também, mas garantia uma certa qualidade. Há perdas e ganhos nessa história.

Multiexperiências

A produção literária atual é múltipla. Atualmente, no mercado, há lugar para tudo, porque aquela coisa do *broadcast*, única, que diz o que é bom, está desgastada. Existe nicho para de tudo um pouco. Então, existe também produção para tudo.

As produções pequenas também têm seu lugar. Alguém coloca um trabalho no YouTube e estoura! Não se sabe como, não precisa da gravadora para isso. Então, a diversidade é muito estimulada. Há gente escrevendo soneto muito bem, gente da nova geração usando esse formato; um formato que era execrado na minha geração e nas duas seguintes, pela rigidez, pela caretice, pelo compromisso com a literatura.

Hoje vemos jovens escrevendo sonetos contemporâneos, diferentes experiências e a multiplataforma. O YouTube está repleto de poesia falada, atuada! É uma proliferação da palavra que a internet permite, que caracteriza o século XXI. Se o século XX foi o século da imagem, o século XXI é o da palavra.

Existe uma quantidade enorme de grupos de rap de mulheres. O rap tem uma característica muito política, muito interpelativa, que é legal para a mulher.

Nesse segmento do rap, há, por exemplo, a Nega Gizza, que tem uma liderança política e cultural gigantesca: ela fundou a Central Única das Favelas (Cufa) junto com o MV Bill. Aliás, política e cultura no hip-hop não têm diferença. Eles chamam de *artivismo*, que é o ativismo pela arte. É a característica do hip-hop: a cultura como recurso de transformação social. Então, podemos concluir que as mulheres estão poderosas.

Acontece uma briga interessantíssima entre o funk e o rap. Porque o funk tem um lado considerado machista (fala da gostosa, da cachorra) e o rap é todo politicamente correto. É raivoso contra a desigualdade social, mas a favor da mulher, das causas todas certas.

Conhecendo a "Universidade das Quebradas"

A "Universidade das Quebradas" é minha saideira da universidade. Realmente, é algo em que invisto tudo o que tenho. É um projeto para artistas, para raps, grafiteiros, artivistas, produtores culturais em meio de carreira, na periferia. E nos encontramos na universidade. Dou o melhor da universidade para eles: aula de Filosofia, de Antropologia, de Artes, de História da Literatura.

Eles retribuem com aulas de rap, de grafite, pois nós, que pertencemos à academia, sabemos pouco sobre isso. Estou envolvida com a periferia desde 1993, mas sei pouco sobre o assunto. É um universo muito rico e muito longe da classe média.

Agora, está começando uma aproximação. É maravilhoso. É um projeto de troca, de ecologia mesmo, de saberes. É muito lindo!

O homem e a música

Sinopse

Quem nunca se emocionou ao ouvir uma melodia ou dançou, sem perceber, ao som de um ritmo cadenciado? A música afeta o ser humano de várias maneiras e tem até uso terapêutico: a musicoterapia. Todo e qualquer som ao qual estejamos expostos nos causa reações físicas e/ou emocionais.

Entrevistado: Marcelo Petraglia, músico, compositor e pesquisador.

A percepção dos sons

O som nos conta algo que está além da superfície, que está oculto atrás das aparências. Quando queremos conhecer o interior de alguma coisa, normalmente usamos a audição mais do que a visão. Se quisermos escutar o interior do ser humano, usamos o estetoscópio. Se quisermos pesquisar o interior da Terra, usamos sondas acústicas.

Em muitos casos nos quais a visão não alcança, a audição é o recurso mais adequado. Outro exemplo: para índios ou para qualquer pessoa que viva na mata cerrada, onde a visão logo é bloqueada por obstáculos, a audição se torna muito mais importante porque pode revelar algo que talvez esteja a quilômetros de distância. Ela tem essa capacidade peculiar de revelar o que está oculto.

Uma citação do pesquisador e músico canadense Murray Shafer diz que o ouvido não tem pálpebras, ou seja, não temos como evitar, pelo menos totalmente, a percepção sonora. Podemos até entender que o nosso corpo inteiro é um grande ouvido, porque as ondas acústicas são, em um primeiro momento, algo mecânico: recebemos uma impressão tátil no corpo inteiro, que se concentra na região do ouvido e que vai direto para o nosso cérebro. No nível cerebral, já existem filtros.

No fundo, estamos sempre fazendo escolhas. Por exemplo, você está conversando com uma pessoa e, por alguma razão, começa a prestar atenção a um pensamento próprio ou se lembra de algo. Seu interlocutor continua falando, e você simplesmente perde o que ele falou. O fato físico aconteceu: as ondas sonoras impactaram seu organismo, seu ouvido. Mas, em algum momento, no seu interior, você optou por dar atenção a alguma outra coisa que fez, de fato, com que não ouvisse, pelo menos conscientemente, a informação.

A educação musical

Começamos a nos relacionar com a música antes de nascer. Durante a gestação, já recebemos uma série de influências que podemos considerar sonoras: os sons orgânicos do próprio corpo da mãe – batimento cardíaco, circulação, respiração, etc. Tudo pode ser música, em certo sentido.

A criança tem um impulso musical desde muito cedo. Claro que esse impulso ainda não é estruturado; ele é um pouco caótico e se confunde com o impulso do próprio movimento.

Em torno dos 6 anos, a criança está pronta para receber uma educação musical formal. Deve assistir a orquestras, coros, além de conhecer e experimentar diferentes instrumentos.

A educação musical formal pode perfeitamente começar por volta dos 6 ou 7 anos. O mais importante é que, nessa primeira fase, a criança tenha referências importantes, como ouvir pessoas cantando afinado, com boa voz, viver em um ambiente de diversidade sonora, não ser exposta a estímulos excessivos.

Instrumentos e expressões

Já a escolha do instrumento é algo muito pessoal, e a criança deve ter sempre a possibilidade dessa escolha. Ela precisa conhecer uma diversidade grande deles, assistir a uma orquestra, ver pessoas tocando, experimentar tocar também. A partir daí é que ela poderá se identificar com algum instrumento.

Esse processo de identificação se relaciona com aspectos diferentes da nossa personalidade, da nossa constituição. O instrumento de percussão é considerado instrumento de ação, periférico. Tocamos do lado de fora. O instrumento de corda sempre tem uma mediação, uma caixa acústica. Você faz a corda vibrar, aquilo é interiorizado e depois ressoa de volta para o mundo.

O instrumento de sopro, na verdade, é o mais interno: ele começa em um processo respiratório e tem uma grande expressividade, porque a expressão através dele é quase como a nossa própria fala, um som que pode ser continuado.

Essas são características marcantes de cada uma dessas famílias de instrumentos.

A música e outros saberes

Existem muitas pesquisas sobre isso. Admite-se que a música desenvolve alguns tipos de inteligência. A inteligência espacial, por exemplo, de abstração, é um tipo que a música é capaz de desenvolver. A música tem uma base matemática, tem algo muito abstrato que obriga a lidar com relações que não são tangíveis.

Todas as regiões do cérebro são ativadas quando ouvimos uma música.

Como a música provoca reações emocionais ainda é um mistério. Sabemos que ela não tem uma área específica localizada no cérebro. Ouvimos música com o cérebro inteiro; todas as regiões são ativadas por ela.

Temos algo muito profundo, que é a nossa própria musicalidade, um impulso de vida que quer se tornar som e entrar em ressonância com o que ouvimos. Claro, isso não é igual para todos. Cada pessoa vai ressoar e se emocionar com certos tipos de expressão, o que chamamos de identidade sonora de cada um, relacionada com sua cultura, sua herança genética, seu momento de vida, seu histórico de audições.

Talvez a música que emocione uma pessoa não emocione outra. Mas, de alguma forma, algum tipo de música vai acessar esse impulso de vida interior que todos nós temos que é tempo, ritmo, ordenação de vários acontecimentos simultâneos.

A responsabilidade social do músico

Som tem energia. Música tem energia. O que um músico toca afeta as pessoas.

Por meio de um processo de evolução da linguagem musical que aconteceu principalmente no Ocidente, chegamos à ideia do artista herói, ou seja, alguém que se coloca diante de um público, uma plateia, e manifesta todo o seu talento. Hoje, essa relação é bem estabelecida: quem está em cima do palco é como um deus, e a plateia recebe suas graças.

Mas há um detalhe importante: a música e o som têm energia. O músico está transmitindo algo que afeta as pessoas. Ele deveria se preocupar com isso também. Sair um pouco do polo da autoexpressão, embora todos tenham o direito de se expressar, e pensar nas consequências dessa expressão no ouvinte. Isso é uma grande responsabilidade. A música não é inócua, ela sempre tem algum efeito.

A musicalidade

A musicalidade é um atributo do ser humano. Todos nós somos musicais, temos o dom de fazer música. Se sairmos da sociedade ocidental, veremos que isso é muito evidente. Todo o mundo canta, dança, pode criar uma música, pode tocar um instrumento, isso faz parte da vida.

Dentro da nossa sociedade, nós, de alguma forma, segmentamos isso, separamos os músicos dos que consideramos não músicos, simplesmente porque estes não desenvolveram o virtuosismo de alguns.

Cantar e ouvir são dois lados da mesma moeda, e precisamos muito, hoje em dia, exercitar o ouvir.

A música pode ser uma ferramenta maravilhosa para desenvolver a motricidade. Tanto a motricidade grossa (os movimentos grandes) quanto a motricidade fina. Ela pode desenvolver o ouvir. Cantar e ouvir são dois lados da mesma moeda, e acho que desenvolver o ouvir é uma das coisas de que mais precisamos hoje em dia.

O limite entre barulho, som e música é tênue. Depende do ouvinte, da capacidade de dar atenção aos elementos sonoros e perceber a relação entre eles.

Ouvir ou fazer música é perceber relações entre alturas, intensidades, instrumentos, ritmos, etc. E essa coerência que eu percebo é o que me dá o prazer na música.

A ecologia sonora procura encontrar o equilíbrio perfeito entre os sons de um ambiente.

OuvirAtivo

OuvirAtivo (www.ouvirativo.com.br) é um site dedicado a compreender melhor a audição. Não só a música, mas os sons do cotidiano também. Está ligado à vertente chamada ecologia sonora, que tenta encontrar o equilíbrio certo entre os sons de um ambiente. Determinados sons, de alguma forma, poluem um ambiente, matam outros sons.

Então, quais deles gostaríamos de ressaltar? Quais preferiríamos equalizar, deixar um pouco mais baixos? Ou seja, é olhar o ambiente sonoro como um organismo, um ecossistema que afeta as plantas e os animais. É para todas essas questões que se volta a ecologia sonora.

Protagonismo juvenil

Sinopse

As novas formas de participação política e social da juventude. A busca por uma identidade, por valores próprios, pela transformação da sociedade e do próprio futuro. Para reunir todos esses conceitos em uma só expressão, vamos falar de protagonismo juvenil. Dentro dessas novas realidades, ajudar o jovem a traçar o seu próprio caminho é, hoje, um dos maiores desafios da educação. Um desafio que, para ser vencido, precisa de um novo olhar e de novas práticas educacionais.

Entrevistado: Paulo Carrano, educador, professor da Universidade Federal Fluminense e coordenador do Grupo de Pesquisa Observatório Jovem, também da UFF.

Conceito de protagonismo

Protagonismo juvenil é uma expressão positiva, que vai abrir um campo de possibilidades para a atuação do jovem. Tem sido muito usada em projetos sociais, políticas públicas, convidando o jovem a participar.

Algumas pessoas – gestores de políticas, coordenadores de projetos, professores, diretores – usam a expressão como um desejo positivo de que o jovem se envolva na vida democrática. Mas, muitas vezes, não criam espaços reais de participação. Ou seja, participação só é de verdade quando as pessoas podem interferir nos processos e em decisões familiares, políticas e constitucionais.

É verdade que temos visto iniciativas de adultos que viram projetos pedagógicos de exercícios de participação. Não é ruim em si, porque a participação é uma aprendizagem. Mas é muito pouco. Por exemplo, se uma escola quer, de fato, estimular o protagonismo juvenil, ela tem que pensar até que ponto quer abrir o processo decisório dentro de seu próprio âmbito. Vou dar o exemplo das rádios escolares, que, muitas vezes, são estimuladas como expressões positivas da organização juvenil. Mas, se essas rádios forem controladas a ponto de as músicas serem censuradas, há um contrassenso.

Participação e autoridade

Na escolha de um projeto para participação dos jovens, é fundamental que essa escolha seja feita com eles. Não digo só pelos jovens, porque, na verdade, estamos falando de processos formativos também. Uma instituição escolar não é uma instituição só de jovens. Também não deve ser só de professores para os jovens. Tem que se pensar em processos de mediação.

Muito se fala em perda da autoridade, que os jovens não escutam mais os professores... Acredito que alguma autoridade deva cair, aquela do tipo "faça o que eu mando; não faça o que eu faço", "manda quem pode; obedece quem tem juízo"... É bom que essas autoridades caiam, porque os jovens, hoje, estão reivindicando direitos que são conquistas não só deles, mas de gerações anteriores: direito de participar, de decidir, de ser ouvido; e não apenas de aplicar o que já foi formulado pelos adultos.

Os jovens têm reclamado, nas pesquisas, que a ideia de autoridade na escola é muito vaga; as regras não são claras: um dia pode, no outro, não; o bom humor do professor ou do diretor acaba decidindo sobre o sim ou o não. Eles não são muito convidados a participar dessas regras que poderiam ser constitutivas da cultura escolar.

Formas de atuação

Muito do que se atribui ao comportamento juvenil de hoje, na verdade, é um traço da

época. Não temos estudos comparativos para mostrar que a juventude de ontem participava mais do que a de hoje. O que existe é um imaginário de participação que chegou em razão das lutas estudantis de 1968, em razão da mobilização contra a ditadura.

Hoje, os movimentos são por outras questões: ecológicas, ambientalistas, feministas, de luta por direitos civis de negros, etc. Se olharmos para o que de fato está acontecendo, veremos que há muita participação acontecendo e que muito dessa participação conta com o envolvimento dos jovens, em várias áreas.

O que mudou foi a forma de participação. Os jovens não perderam a capacidade de sonhar, de tentar mudar o mundo; isso é algo que move o humano. Mas há um mundo que nos cobra presença, resoluções muito práticas e imediatas. Então, de fato, o que o engajamento juvenil está dizendo, em primeiro lugar, é que os jovens têm uma capacidade muito maior de tomar decisões e de escolher os próprios repertórios culturais. Eles não herdam de maneira passiva os repertórios dos seus pais, das instituições. Isso é positivo. E uma das tarefas educativas de escolas, de pais e de professores é ajudá-los a fazer boas escolhas, porque o mundo está cheio de possibilidades, e eles ficam, às vezes, paralisados frente a tantas opções.

A outra questão é que a juventude está-se envolvendo em temas que se podem controlar mais imediatamente. A uma causa muito distante no tempo como "Talvez daqui a 100 anos teremos o comunismo", é eleita outra mais próxima, sobre a qual se possa atuar mais diretamente, como: "Vamos passar uma lista para resolver o problema da falta de água na rua".

Nós, adultos e educadores, temos que ajudar os jovens a equilibrar esse tempo: o tempo rápido da resolução imediata. Mas também restaurar a perspectiva de tempo longo, de tempo histórico. Primeiro, a relação com o passado. Eles têm que entender que, se hoje vivem um momento de liberdade, em que podem se expressar, é porque em um momento anterior houve muita gente que sofreu para garantir essa liberdade democrática.

Além da relação com o passado, há a relação com o futuro, em que pensar de maneira só pragmática e imediatista também não é caminho suficiente para que se consiga construir um futuro feliz. Então, essa relação com o tempo (presente, passado e futuro) precisa ser equilibrada, e nem sempre os jovens têm essa noção. Falta-lhes experiência, falta o contato com gerações adultas que viveram esses processos duros e difíceis.

É preciso recuperar a perspectiva de tempo longo e de tempo histórico. Ações imediatistas não garantem um futuro feliz.

Grêmios escolares

Os grêmios são instituições de representação estudantil dentro da escola. A história dos grêmios é de luta e combate no momento da ditadura; é uma história de tentativa de cooptação, muitas vezes, pela direção de escola. Cada escola tem a sua forma específica, sua história específica de segmento estudantil.

É importante dizer que, como toda instituição representativa, os grêmios podem aproximar-se mais ou menos dos interesses do coletivo. E, por vezes, se deixam aprisionar por interesses políticos ou da própria administração da instituição, ou (isso é muito criticado) há grêmios que já chegam com respostas prontas, que são partidarizadas. Os estudantes estão reagindo muito a esse tipo de comportamento, que acaba por fragilizar a instituição.

Autoridade compartilhada

Definitivamente, não devemos tentar restaurar práticas do passado ou ideologias de liderança e autoridade que talvez tenham dado certo em algum momento (fico em dúvida) na relação entre jovens e adultos. Então, não dá para pensar mais no jovem como uma folha de papel em branco, como alguém que tem de seguir uma direção do adulto. Isso não significa que o adulto não possa ter autoridade ou não deva ter autoridade, mas a natureza da autoridade muda. A autoridade hoje tem que ser compartilhada.

O jovem precisa se convencer de que essa autoridade faz sentido para ele. Daí a importância de se criarem processos de participação. Nesse caminho, a ideia de interesse na escola passa também pela ideia de escuta, de compreender as reais necessidades do jovem e, muitas vezes, até negá-las dizendo: "Isso é muito individualista; vamos pensar mais coletivamente".

É preciso abrir o campo da participação real, e não da simulação de participação. E participação é tomar parte, é tirar parte do seu tempo, parte da sua ação e doá-la ao coletivo. Ninguém faz isso se não for estimulado a fazê-lo. Por isso, é preciso criar também o espaço de visibilidade das decisões. Os jovens devem saber que estão se envolvendo em questões que terão consequências reais.

O papel da cultura

A cultura é o principal instrumento de mudança com que contamos. Por meio dela, é possível dar visibilidade a dramas que, muitas vezes, ficam escondidos nas periferias e a sociedade não quer ver. Existe uma frase que, acredito, remonta à época da escravidão no país, e que expressa o racismo à brasileira. Quando acontecia alguma coisa grave na favela, era falado: "Eles que são brancos que se entendam". E, claro, eles são negros, não são brancos. Isso é o racismo à brasileira. Esse tipo de movimentação cultural das periferias do Brasil, que está no AfroReggae, por exemplo, transforma o que era drama particular de um território em uma questão pública. Foi pela cultura que se deu visibilidade à dor, ao sofrimento e também à possibilidade de produção de arte, de cultura, de beleza, de sentimentos positivos que muitas vezes não são reconhecidos na favela ou na periferia. Então, é transformador.

Desse ponto de vista, a cultura que vem da periferia de diferentes pontos do Brasil foi revolucionária no que se refere às representações sobre o pobre, sobre o negro, sobre a favela. Agora, o que eu relativizaria é que não há "cultura contra a violência". A violência também é uma cultura. E somente um conjunto de fatores será capaz de alterar a violência como cultura.

Observatório Jovem

Voltando ao tema do protagonismo juvenil, vou falar sobre o Observatório Jovem, que é um grupo de pesquisa que existe há 10 anos, trabalhando com os jovens em dois eixos fundamentais: escolarização e relação da juventude com o espaço público. São dois temas centrais para a democracia no Brasil, ou seja: o direito à educação de qualidade e o direito do jovem de participar e de ser protagonista da sua própria vida coletivamente, de poder alterar processos sociais.

Então, da mesma maneira que o aluno aprende o ofício de ser aluno (ninguém nasce sabendo ser aluno, mas é ensinado para isso, para ouvir, para respeitar, para aprender), ele tem que ser levado a participar de processos nos quais a aprendizagem da participação também seja algo positivo. A escola faz parte da sociedade. Se nós queremos uma sociedade democrática, temos que ter uma escola democraticamente igual a essa sociedade com que sonhamos.

Educação e ética

Sinopse

Se a construção de valores, posturas e comportamentos é um dos grandes desafios da educação, então a busca por novas ferramentas para formar crianças e jovens é uma necessidade. Assim como resgatar antigas atividades. A observação do mundo, a investigação intelectual, a discussão e o diálogo acompanham o homem desde a Antiguidade, ou mesmo antes dela. Filosofar é tentar entender as grandes questões da humanidade.

Entrevistado: Mario Sergio Cortella, filósofo e professor.

Ser filósofo

Uma vez li naquelas tirinhas de jornal uma história em que o rei sai da janela do castelo e pergunta à sentinela se há algum inimigo à vista. A sentinela responde: "Defina inimigo". E o rei diz: "Nunca coloque um filósofo como sentinela". A filosofia é a capacidade de indagar, de trazer à tona algo que não é evidente.

Por isso, quando tratamos do tema "ética e educação", há elementos que precisam ser alertados e que um dia foram ditos por um grande filósofo brasileiro, Millôr Fernandes. Ele tem uma frase que talvez explique bem o que quer dizer filosofia: "Se você não tem dúvidas, é porque está mal-informado". Isso vale no campo da educação, da ética, da formação de valores. Essa é a razão pela qual a articulação entre conceito e ação não é tão evidente como às vezes se supõe. Mas a filosofia nos ajuda a pensar um pouco sobre o assunto.

A palavra "filosofia" foi criada por Pitágoras, um grande matemático do século V a.C. Ele criou o termo para designar um tipo de estudo sobre o mundo que não se contentasse com os mitos, isto é, com a explicação mágica e fabulosa. Na trajetória histórica do Ocidente, nos últimos 2.500 anos, a filosofia ocupou um local de absoluto destaque na Antiguidade. Já na Idade Média, tornou-se secundária, e a teologia tomou seu lugar.

A filosofia voltou a ter mais força no século XXI. O mundo tecnológico, embora nos encante, também nos perturba.

A partir do Renascimento, isto é, há 500 anos, a filosofia ficou posicionada lateralmente à ciência, especialmente à física, mas, no século XXI, voltou com certa força. As pessoas, hoje, fazem mais indagações filosóficas. Afinal, o mundo tecnológico, a exuberância do campo digital e a velocidade do cotidiano, embora nos encantem, perturbam-nos. Começam a vir à tona algumas questões: "Para que isso?", "Qual é a finalidade?", "Onde está a felicidade?", "Será que tenho uma vida da qual, de fato, sou proprietário ou sou dominado e conduzido?".

Mas a filosofia pode ser imparcial? Não. A neutralidade não existe. Cada um carrega seus conceitos prévios: a religião que pratica ou praticou, o time para o qual torce, o vínculo com a cidade onde mora. Por isso, o preconceito está na nossa natureza. Existe também o preconceito a favor. Eu posso ter simpatia por você por torcermos pelo mesmo time, ou porque viemos da mesma região do Brasil, ou porque pensamos da mesma maneira sobre certos assuntos. Ambos são prejudiciais. O que se pode conseguir não é imparcialidade, mas objetividade. Tentar ser objetivo é tentar ter clareza de seus preconceitos e deixá-los de lado, o máximo possível, quando se vai estudar algo.

Ética e moral

Então, vamos falar sobre ética. Ética é o conjunto de princípios e valores que usamos para decidir nossa conduta social. Se só existisse um ser humano no planeta, não existiria a questão ética, porque ela é a regulação da conduta, da vida coletiva. Esse ser único seria absolutamente soberano para fazer tudo sem se importar com nada. Como vivemos todos juntos, temos que ter princípios e valores de convivência, de maneira que tenhamos uma vida íntegra, do ponto de vista físico, material e espiritual. A ética é o conjunto desses princípios de convivência. A moral é a prática.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos é o que mais se aproxima de uma ética universal.

Não existe ética individual, existe ética de um grupo, de uma sociedade, de uma nação. Porém, existe moral individual, porque moral é a prática. Ainda não temos uma ética universal, isto é, que tenha validade para todos os seres humanos em qualquer tempo e em qualquer lugar. O que mais se aproximou disso foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948.

As grandes questões éticas

As grandes questões universais são: O que é certo e o que é errado? O que é o bem e o que é o mal? Tenho um princípio pessoal para julgar o que é bom e o que é ruim. Tudo o que eu fizer que ajude a mim ou outro ser humano a ter mais vitalidade e não diminua sua dignidade e capacidade é bom. Tudo o que eu fizer que diminua sua dignidade, capacidade ou vitalidade não é bom.

As questões éticas podem mudar ao longo da história. O advento das plataformas digitais, por exemplo, trouxe novas questões éticas relacionadas à ideia de privacidade.

A ética é relativa ao seu tempo. Ela só é compreendida quando se levam em consideração a sociedade em que surge, a época em que vem à tona e também a cultura em que se situa.

Só se pode dizer que uma pessoa não tem ética se ela for incapaz de decidir, julgar e avaliar. Por exemplo, uma criança pequena, um adulto que tenha mal de Alzheimer ou esclerose senil, uma pessoa com distúrbios mentais. Estes, sim, não são capazes de escolher, decidir e julgar.

Um bandido tem ética? Claro. Na verdade, ele tem princípios e valores para julgar, decidir e agir. Eu chamo a ética do bandido de antiética. O político que frauda o orçamento, o professor que se vale de sua posição para exercer autoritarismo, o pai ou a mãe que é leviano naquilo que faz, todos esses têm ética: eu chamo isso de antiética.

A antiética é o que colide com o que eu entendo como saudável. Nós somos capazes de escolher o que nos faz mal, mesmo sabendo das consequências. Por exemplo, comemos alimentos que nos fazem mal conscientemente. Essa capacidade de escolha e os princípios que a regulam é o que nós chamamos de ética.

Posso, quero e devo?

A ética é uma questão de autonomia (aquilo que vem de dentro). É a regra interna que tem de ser internalizada, e não apenas obedecida. Há coisas que quero, mas não posso. Há coisas que posso, mas não devo. E há coisas que devo, mas não quero. O equilíbrio na vida vem quando o que você quer é algo que você pode e algo que você deve.

Um grande pensador vindo do cristianismo, chamado Paulo ou São Paulo, por alguns, tem uma frase clássica que é muito forte, em sua segunda carta aos coríntios: "Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém". Posso fazer qualquer coisa porque sou livre, mas não devo fazer qualquer coisa.

E o que não devo fazer? O que torna imunda a minha história, o que torna desonrosa a minha vitória, o que torna indecente o meu sucesso, o que torna nojento o meu patrimônio... Isto é, tudo aquilo que fraturar, apodrecer a minha integridade.

O ensino de ética na escola

É possível tratar a ética como tema. Ela não precisa ser uma disciplina no Ensino Fundamental, mas pode aparecer como um conteúdo no conjunto das disciplinas.

No Ensino Médio, deve ser abordada, normalmente, dentro da Filosofia, porque é uma parte da Filosofia. Não é exclusividade, mas uma parte. E, no Ensino Superior, tem, sim, que aparecer como uma matéria, uma disciplina. Mas não se ensina ética apenas falando ou pensando sobre ela. A ética é, acima de tudo, exemplar.

Uma professora, por exemplo, precisa saber que na hora da entrada das crianças ou na volta do intervalo, ela não deve fazer uma fila e dizer assim: "Meninos de um lado e meninas do outro", porque não se separa por gênero.

A função de uma fila é organizar, e não separar por gênero. Qual é a finalidade disso? A vida não é assim. Você não vai a um supermercado e há caixa para homem, caixa para mulher; você não vai ao banco e há caixa para homem, caixa para mulher. Onde há essa separação? Em escola, penitenciária e hospício. Portanto, cautela!

Outro exemplo de natureza ética: é preciso respeitar o aluno. A primeira coisa que se tem de fazer ao começar a dar aula para uma turma é aprender o nome dos alunos, porque isso é um sinal de respeito, é a capacidade exemplar do trabalho pedagógico. E não adotar um material didático que seja antiético – por exemplo, que não seja pluriétnico. Fui alfabetizado com livros em que, quando se falava de corpo humano, o desenho era de um sujeito alto, forte e loiro de olhos azuis, um sueco.

A criança brasileira, de maneira geral, olhava para aquilo, olhava para ela, olhava em volta e não tinha identidade. Cautela para não falar em meia cor da pele, não falar em xampu para cabelos normais, nunca. Tudo isso tem a ver com o conteúdo da vida, da escola, da mídia.

Tudo é convivência

Até o século VI a.C., *ethos* (em grego arcaico) significava morada do humano, o lugar onde nós vivemos juntos. Depois, os gregos passaram a chamar de *oikos*, o que chamamos de *ecologia*.

> *Etimologicamente, ética está ligada a moradia, o local em que vivemos juntos. Portanto, ética tem a ver com convivência.*

Se moramos juntos, temos que conviver bem. Os latinos traduziram isso por "moral" – morada, moradia – ou "hábito" – habitação. É onde vivemos juntos. Portanto, ética tem a ver com a nossa convivência. Não existe ser humano que tenha só vivência, tudo para nós é convivência. A educação também nos forma eticamente para a convivência.

Economia verde

Sinopse

A economia verde foi um dos principais temas discutidos durante a Rio+20 – Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 2012. Seria ela um caminho para o mundo alcançar a tão sonhada sustentabilidade? Uns dizem que sim; outros juram que não.

Entrevistado: André Abreu, ambientalista, participou como membro do Comitê da Sociedade Civil da Rio+20.

Definindo economia verde

Na verdade, ninguém sabe ainda exatamente o que é a economia verde. Temos de admitir que é um conceito muito novo, criado por alguns economistas ligados ao Banco Mundial, como Pavan Sukhdev, mais ou menos há uns dez anos. Mas não se confunde com o conceito de sustentabilidade.

Nós, ambientalistas, membros das organizações da sociedade civil e dos movimentos sociais, acreditamos que o conceito de sustentabilidade é mais amplo, mais forte e aponta mais as mudanças de paradigma de que precisamos hoje no mundo do que o conceito de economia verde, que, como o seu próprio nome diz, é restrito à área econômica. Ele aponta uma direção para a economia, mas não forçosamente para a nossa sociedade.

A economia verde prevê essencialmente duas mudanças: a passagem de uma sociedade baseada em energias fósseis para uma sociedade baseada em energias renováveis, o que é absolutamente necessário e urgente; e a criação de mecanismos de mercantilização ou remuneração (nós dizemos também "precificação") dos serviços que a natureza nos presta.

Esses mecanismos de contabilização do quanto vale o que a natureza faz para os seres humanos e para o planeta ficaram celebrizados pelo mercado de carbono. Contabiliza-se o quanto uma árvore captura de gás carbônico ao longo da vida e dá-se um preço para essa quantidade de gás carbônico. Isso gera um mercado, um sistema de remuneração para esses projetos e iniciativas. Esse mercado, teoricamente, se autoalimentaria e permitiria à sociedade financiar as novas diretrizes da economia verde.

Mas o que vemos no mercado de carbono está muito longe de ser uma solução para essa questão. O mercado de carbono teve muitos problemas, teve alguns limites. E, ao criar modelos de mercado baseados nas próprias instituições financeiras, acabou excluindo a sociedade civil, que é a protagonista das grandes mudanças de paradigma.

> *A mudança de paradigma não virá de gabinetes de especialistas, mas da sociedade civil.*

Uma nova forma de relação entre homem e natureza no Alto Rio Negro não vai ser desenhada por especialistas do Banco Mundial, do Pnud ou do Pnuma. Ela virá das comunidades de vanguarda dali, como os suruís, por exemplo, que estão reflorestando sua terra, deixaram de usar tal e tal produto. Ou seja, nós acreditamos que a mudança que queremos tem de vir das bases, tem de vir junto com as populações, os povos indígenas, as mulheres, os negros, os afrodescendentes, etc. E não somente partir dos gabinetes de especialistas de finanças.

Limites do crescimento

Para nós, a água é um indicador de até onde vai a economia verde, um indicador que chamamos de "linha vermelha", a qual você não pode ultrapassar. Quando se criam mecanismos que dão preço ao Aquífero Guarani e ele se transforma em produto financeiro, que pode ser comprado pelos fundos de investimento por meio de títulos, *swaps*, CDI e todos esses termos que vemos nas crônicas de economia, tudo isso nos preocupa muito. Essa é uma linha vermelha que nós colocamos.

É importante lembrarmos que a Cúpula da Terra nasceu em 1972, em Estocolmo. Nesse ano, o chamado Clube de Roma foi o primeiro *think tank* (usina de ideias) a alertar sobre os limites do crescimento. Foi quando o ser humano, pela primeira vez, entendeu que o crescimento econômico não podia ser infinito.

Se no começo do século XX e, sobretudo, após as duas grandes guerras precisávamos de um estímulo fundamental para o crescimento econômico (para reconstruirmos nossos países, a Europa, enfim...), a partir dos anos 1970 começou a ficar claro que esse crescimento econômico, industrial e urbano tinha um limite. Esse limite são os nossos recursos naturais essenciais à vida.

O xadrez do consumo

Existe uma espécie de xadrez bastante complexo entre o crescimento econômico de países e regiões em desenvolvimento e a busca por soluções sustentáveis, que, muitas vezes, entra em conflito com a própria agenda do crescimento.

Por exemplo, não podemos dizer que o Brasil não precisa crescer economicamente nos próximos 20 anos porque ainda necessitamos de saneamento básico, moradia e outros bens essenciais à dignidade humana. Essa é a principal dificuldade das negociações.

Os países do sul não abrem mão do fato de que eles ainda precisam se equiparar ao nível de vida dos países desenvolvidos, do norte. E os países desenvolvidos estão falando "mas se todo chinês quiser ter um carro, o planeta não aguenta". Então, qual é a solução? É mudarmos o carro, mudarmos o combustível, a nossa relação com o carro. Cabe aos nossos políticos e aos nossos industriais acelerar os processos para que os carros não sejam poluentes.

É difícil falar em sustentabilidade em tempos de crise econômica.

A mudança no consumo não pode ser imputada, jogada, só para o indivíduo. A culpa não é nossa. Poucas vezes o problema está no lado do consumo individual e, muitas vezes, está no modelo de produção. Como produzimos? Qual é o custo ambiental da mineração de ouro e de diamante? Como podemos reduzir isso? Essa equação é a mais difícil, e temos que tomar cuidado para não colocarmos a culpa nos indivíduos.

O que vemos hoje com a crise econômica são ideias inovadoras para a redução do consumo sendo vistas como perigosas, porque desestimulam o investimento. Na Europa, não se fala mais em sustentabilidade. Como é que você vai falar para um grego que está perdendo o emprego que ele deve parar de produzir, que ele deve ir mais devagar no desenvolvimento porque o planeta não está aguentando?

O futuro

Não sou otimista, porque a situação está muito grave. Mas o pessimismo, com certeza, não é a alternativa. Os cientistas

acreditam que estamos entrando em um período de transição. Não se trata do fim do mundo, a água não vai acabar de uma hora para outra, as florestas não vão desaparecer. Mas alguns danos que estamos causando ao planeta já não são mais reversíveis.

O aumento do nível dos mares vai causar um processo de migração irreversível.

Vamos precisar nos acostumar a viver com menos água, a consumir menos energia, a partilhar o alimento, a reciclar tudo o que produzimos, a só utilizar madeira de reflorestamento, etc. E, juntamente com essas medidas, precisaremos gerenciar o caos que vai chegar alguma hora com o aumento do nível dos mares.

Esse aumento é um fato e vai atingir países inteiros, como Bangladesh. No Brasil, não ouvimos muito sobre países como Bangladesh, mas são 200 milhões de pessoas. É o equivalente à população brasileira vivendo em um país que será afetado diretamente pela subida dos oceanos. E isso quer dizer migração, muita gente fugindo para lugares onde se possa viver.

Como gerenciar essas migrações, a perda de recursos hídricos nessas regiões, como se antecipar a esses problemas com medidas governamentais fortes e com decisões ousadas para que não sejamos vítimas dessas mudanças climáticas?

A economia verde é uma das respostas. Obviamente, a passagem de energia fóssil para renovável, com estímulos financeiros para energia solar e eólica, é muito bem-vinda. Mas a economia é só uma parte do sistema global. A ecologia, o *oikos logos*, é a nossa grande casa.

A economia ocupa um espaço hipertrofiado, um espaço excessivo em relação a como deveríamos pensar, política e socialmente, as soluções sustentáveis.

Um eixo da educação

A educação tem um papel mais do que fundamental na reestruturação das mentalidades de produção e consumo. A criança já aprende na escola que ela não pode jogar fora a garrafinha plástica porque aquela garrafinha cai no esgoto e vai até o mar. Ela aprende isso na escola e não esquece mais. Tentar mudar um hábito de uma pessoa de 35, 40 ou 50 anos é mais complicado, porque já virou reflexo ou porque, às vezes, esses hábitos estão tão arraigados em seu sistema de vida que ela não quer mudar.

A sustentabilidade deve ajudar a formar cidadãos com uma visão sistêmica da sociedade e do planeta.

Pode-se pensar na sustentabilidade como um eixo da educação. Existem muitas iniciativas de qualidade sendo feitas na educação ambiental, mas de forma pouco transversal. A educação ambiental ainda é um apêndice, uma disciplinazinha que a criança tem uma vez por semana ou a cada 15 dias. E esperamos muito da educação para mudar a cabecinha dessas gerações futuras.

Essa visão sistêmica da solução é fundamental em um tempo no qual estamos segmentados, produzindo cada vez mais jovens especialistas, que estão mais preocupados em ganhar dinheiro, em fazer carreira, em vencer na vida do que em compreender por que estamos aqui e como vamos continuar.

O papel do museu na educação

Sinopse

O maior museu a céu aberto do mundo, o Instituto Inhotim, em Minas Gerais, abriga dezenas de galerias e centenas de obras de arte em seus jardins. Em São Paulo, o Museu da Língua Portuguesa recebeu mais de meio milhão de pessoas no seu primeiro ano de vida, abusando dos espaços interativos e recursos audiovisuais. A ordem do dia é a interatividade. Mas será que esse é um caminho obrigatório? E o que a escola pode fazer para potencializar o conhecimento transmitido nas galerias ou nos jardins de um museu?

Entrevistado: Guilherme Vergara, professor do Departamento de Arte da Universidade Federal Fluminense, coordenador do Núcleo Experimental de Educação e Arte do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM).

Funções de um museu

Vou pegar uma carona no título do programa, que é perfeito! Museus: conceitos e ações; ou museus: identidades e funções. Essa é uma história que vem de muito tempo, da Europa. É parte do Iluminismo, do Humanismo, do culto à memória. E durante cada século assume roupagens diferentes.

Um museu do século XIX na Europa, por exemplo. Em meio à sociedade industrial, de progressos, uma sociedade que estava destruindo o passado porque todo o mundo queria ir para a cidade, surgia um museu justamente para ter o lugar do passado, o lugar da memória em uma vida que já não quer ter tempo, não quer ter passado. Portanto, esse é um tipo de museu que surgiu no século XIX.

E hoje, nós temos tempo? Cultivamos relações? Paramos para apreciar a memória? As cidades e os sujeitos têm tempo e espaço? A sociedade contemporânea permite isso? Então, o museu é parte de todas as perguntas da condição humana hoje. Quantas funções ele tem? Como esse lugar e esse nome, que é do passado, está-se ressignificando como lugar possível de desaceleração da vida?

Museu x internet

A tecnologia tende a nos colocar diante de imagens e informações em uma telinha chegando aonde estivermos, e podemos passar o dia inteiro em frente a essa telinha. Por que, então, iríamos a um museu?

Vou falar um pouco da minha experiência. Eu vou a esse museu que é um templo de obras históricas. Não deixarei de visitar o Pompidou (Museu Georges Pompidou, em Paris), o MoMa (Museu de Arte Moderna, em Nova York), o Metropolitan (Museu de Arte Metropolitan, em Nova York), para ver um Caravaggio, para ver a obra ali, *in loco*. Eu vou ao Museu de Arte Moderna do Rio para ver uma Tarsila do Amaral. Precisamos cultivar esse lugar encarnado na experiência estética, em oposição à telinha, que oferece imagens desencarnadas.

> *Um novo conceito que surge, de museu e fórum no mesmo espaço físico. Além de ver as obras de arte, as pessoas participam de programas curatoriais, programas educativos que promovem conversas e interações.*

Os educadores, como os curadores, como os artistas, estão tentando investir em outro lugar e outro conceito dentro desse lugar chamado museu, que é o fórum. Um lugar de

interações sociais, dentro do mesmo lugar físico – museu e fórum. Então, as pessoas vão ver as obras de arte, mas também um trabalho paralelo, justaposto, que são os programas curatoriais, programas educativos que promovem conversas e interações.

A experiência em Nova York

Voltando à minha experiência de museu, ela se deu, inicialmente, em 1991, quando eu fazia Mestrado de Artes em Nova York e tive a possibilidade de conhecer artistas e educadores no Metropolitan. Lá, trabalhei cinco anos, no subsolo, com um grupo muito interessante de artistas e coreógrafos, dentro daquela catedral. E vislumbrei algo de que não tínhamos experiência pública no Brasil – ou, pelo menos, eu não conhecia: essa possibilidade de que o campo interpretativo é um fórum, onde se tem um exercício corporal que a internet não permite.

Outro momento marcante foi saber que as pessoas fazem doações a um museu direcionadas à educação. Pensar educação em museu é pensar em política curatorial. Esse conceito envolve também dois movimentos que estamos desenvolvendo no MAM: o primeiro é o de qualificar o acolhimento, considerando várias faixas etárias, origens, etc. Acolher significa pensar "como você está me acolhendo aqui?". Receber um sujeito que vai trazer suas crenças, sua alienação, seu desinteresse, todo o seu universo sociocultural e geracional. Vou acolher esse sujeito e vou respeitá-lo.

Os acolhimentos são práticas nossas, apoiadas em vários programas com artistas e educadores. E trazemos um conceito experimental para esse encontro. No Museu de Arte Moderna, exploramos a própria história da cidade do Rio de Janeiro. O Reidy (Affonso Eduardo Reidy), arquiteto brasileiro que pensou o Aterro do Flamengo, o MAM, disse: "Nos debruçando pelas paisagens mais lindas do Rio e do mundo, vamos fazer essa visita. Antes de ir à galeria, você vai andar no jardim". Então, o conceito de museu se amplia; não é mais uma caixa, um objeto.

É interessante notar que Niemeyer e Reidy são dois arquitetos da mesma geração e que reproduzem na arquitetura um pensamento: "olha lá fora", "olha a paisagem!", "não olhe só para dentro". Ou seja, o museu começa ainda do lado de fora.

Na rampa do MAC, em Niterói, o mesmo ritual dos passeios nos templos gregos.

Uma coisa que chamava muito atenção em todo o processo pedagógico do MAC (Museu de Arte Contemporânea, em Niterói) era o ritual da rampa. Fazíamos uma conversa subindo a rampa, como se estivéssemos em um templo grego. Por acaso, ali há todos os paradigmas arquitetônicos do passeio peripatético (aprender passeando) da Grécia em um templo futurista. Incorporávamos isso, ritualizávamos um novo processo de habitar espaços. Voltando à política curatorial, vamos falar do segundo movimento, que é a irradiação. O que é irradiação? É você levar, conduzir – por meio de práticas críticas pedagógicas e práticas críticas artísticas – artistas e educadores para interagir, durante certo período, de forma organizada e contínua, com uma comunidade.

A reinvenção do museu

Tudo tem que se reinventar, tem que ser reinventado. E nós temos que pensar em um conceito fundamental na reinvenção desse lugar museu: é o conceito de solidariedade. São os conceitos de práticas éticas. A interatividade,

que é parte das novas tecnologias, tem que ser resgatada como um princípio de reconfiguração do público.

Esse museu que é um lugar da memória passa a ser um museu que é lugar da consciência. Essa passagem é desafiante. A solidariedade é uma palavra-chave para a reinvenção e a resistência do museu perante aquilo contra o que ele vai sempre perder: se for competir com a sociedade dos espetáculos, ele vai perder a oportunidade de ser o lugar dessa resistência, o lugar de uma sensibilização descomprometida com o consumo da cultura.

Os centros culturais

Não podemos deixar de falar sobre os centros culturais. O papel do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) constitui, pelo seu sucesso e posicionamento, um caso a ser estudado. Quantas pessoas, quantos adolescentes, quantas gerações passam por ali! Há a biblioteca, que preenche um espaço popular, com programação qualificada. É gratuito e oferece qualidade.

O Guggenheim, por exemplo, vinha para o Rio com uma lógica de *franchise* e esbarrou na gestão do CCBB, que é gratuito e oferece qualidade, programação. Lá, o visitante ganha tempo em razão da quantidade de opções: teatro, cinema, vídeo, lanchonete, biblioteca.

Agora, quantas pessoas entre essas nove mil que vieram ao MAM, pela Rio+20, ou que vieram pelo Vik Muniz se tornam público, pessoas que fazem parte da comunidade do museu? Esses recordes são sadios para o museu, como esse lugar de desaceleração, de conscientização? Ou eles são talvez um sucesso maléfico? Então, o museu hoje é parte de um turismo, é parte de uma economia criativa. Há esses visitantes que são turistas. Concretizar o papel de resistência, que é esse de formar vínculos, é o grande desafio.

Em qualquer situação de visita a um museu, existe o primeiro dado, que é desacelerar, estar junto e conversar. Vamos imaginar uma professora levando seus alunos: existe aí um mediador afetivo.

Então, esse território de afetos, de solidariedade, para mim, é o ponto fundamental das resistências no meio desse mundo sem corpo, um mundo apressado.

Essa mediação permite uma proposta pedagógica que foi muito discutida nos anos 1980: o *Visual Thinking*, que é o pensar visual. Olhar uma pintura e provocar esses diálogos: "O que você viu? O que você achou?". Todos podem se manifestar. Essa cena é parte de uma mudança nos territórios pedagógicos e críticos muito influenciada e conectada com Paulo Freire. O educador não é um sujeito que informa as pessoas, mas cria o carisma de ouvir.

Ao levar seus alunos a um museu, o professor faz o papel importantíssimo de mediador afetivo.

Preparar esse professor mediador é mais um exercício de resistência. Eu vejo um território muito importante para o século XXI, que é o de repensar o papel desse educador que foi totalmente desvalorizado, massacrado, está invisível. E esse é o sujeito que constrói afetos.

Como ele pode ser preparado? Escola de Pedagogia? Escola de Educação? Como valorizar as escolas e as faculdades? E os museus? Como é valorizado esse professor, que forma olhar, forma voz, forma iniciação, forma campo? Então, os museus têm que se dedicar para essa artesania. E aí sim: formar público, formar afeto.

O meio ambiente e a saúde das crianças

Sinopse

Pela primeira vez na história, mais da metade da população mundial mora em centros urbanos. Estima-se que até o ano de 2050 esse número aumente para dois terços da população do planeta. Se, por um lado, essa aglutinação facilita o acesso a serviços e insumos essenciais à saúde, como vacinas, remédios e saneamento básico, ela também causa um afastamento da convivência com a natureza e traz consequências tanto para o bem-estar das pessoas como para o bem-estar do planeta.

Entrevistado: Daniel Becker, pediatra homeopata e seguidor da pediatria integral.

A pediatria integral

Pediatria integral é uma prática que se afilia a um campo que, em inglês, se chama *integrative medicine*. A palavra *"integrative"* é traduzida para o português como "integral". É um campo que procura integrar diversos conhecimentos para oferecer o melhor ao indivíduo que está sendo cuidado, no caso, a criança. O grande diferencial é um olhar mais aberto para quem é essa criança, tentar contextualizá-la dentro da sua família: quem são seus pais, de onde eles vêm, que profissões têm, o horário de trabalho, onde fica a casa em que moram, etc.

Todos esses elementos são importantes para que possamos compreender melhor essa criança e, portanto, oferecer a ela e a sua família, pois a criança nunca é um ser isolado, o melhor cuidado possível.

Além disso, também se busca uma abordagem mais horizontal, na qual a criança também tem voz e a família participa do cuidado de forma mais direta. É uma relação menos prescritiva, menos vertical, com um olhar sempre na prevenção e, principalmente, no que vai promover a saúde da criança. Por fim, na área da intervenção, utiliza-se não apenas a medicina convencional, senão as terapias alternativas mais reconhecidas, como homeopatia, acupuntura, florais, enfim, elementos que podem não ser reconhecidos pela ciência ortodoxa, mas que estão já há algumas centenas de anos, ou até de milênios, gerando resultados no que se refere ao cuidado. E também um carinho muito especial, com a participação de fisioterapeutas, psicólogos, dentistas e outros profissionais que possam cuidar bem da criança.

Quanto menos remédio, melhor

Todo remédio implica uma ação no organismo, e essa ação não é inocente, ela tem efeitos colaterais a curto e a longo prazo. Portanto, quanto menos remédio, melhor. Um dos princípios da pediatria integral é justamente promover o que chamamos de poder de cura da pessoa: a capacidade da pessoa de melhorar por si própria e, portanto, se tornar mais potente na sua vida.

> *A criança deve ser amamentada, pelo menos, até os 6 meses de idade. Isso é determinante para que ela tenha uma boa saúde.*

Para isso, é preciso trabalhar questões como a rotina da criança, os horários, a alimentação. A maneira como os pais lidam com certos assuntos também é importante: amamentação, sono, passeios, creche. Este último, aliás, talvez seja o fator mais importante que determina a saúde de uma criança no primeiro ano de vida. Deve-se tentar amamentá-la

pelo menos até os 6 meses e evitar que ela vá para a creche muito cedo. Todos esses elementos determinam profundamente que criança ela será e como vai ser sua saúde.

Intuitivamente, tem-se a noção de que a saúde da criança é melhorada pelo contato com o meio ambiente. Entre uma criança que fica em casa jogando videogame ou vendo televisão e outra que vai à pracinha brincar de balanço, o que é melhor? Não precisa pensar muito. Na verdade, uma pesquisa recente da Sociedade Brasileira de Pediatria, de caráter nacional e bem extensa, mostra que a criança prefere as brincadeiras tradicionais.

O que a faz feliz é brincar de pique, de gangorra, de balanço, ir à pracinha. Isso realmente faz diferença. Ela pede o *smartphone*, a televisão, o videogame quando está sozinha, quando não tem outra opção. O contato com a natureza melhora a vida das crianças em diversos aspectos.

A criança prefere as brincadeiras tradicionais. Ela escolhe a TV e o videogame quando está sozinha e não tem outra opção.

Talvez um dos mais interessantes seja no combate à tal epidemia – que realmente é uma epidemia nos EUA e que também está tornando-se no Brasil – do deficit de atenção, o distúrbio do deficit de atenção e hiperatividade.

Várias pesquisas e teorias mostram que a natureza é profundamente determinante nesse equilíbrio da saúde mental da criança, e essa hiperestimulação urbana (uma criança pode perfeitamente acordar de madrugada, ligar a televisão e ver desenho animado às duas horas da manhã) faz com que ela tenha uma enorme dificuldade de se concentrar. Não seria de outro jeito.

A natureza representa a antítese disso, porque oferece contemplação, paz, estímulos mais suaves. E a energia gasta nas brincadeiras mais físicas faz com que a hiperestimulação seja reduzida e a criança se torne mais calma.

Há até um termo que, em vez de falar *attention deficit disorder*, que é o nome dessa doença em inglês (distúrbio do deficit de atenção), fala em *nature deficit disorder*. Portanto, em vez de deficit de atenção, existe hoje deficit de natureza.

Criança e sustentabilidade

Eu diria que, nessa relação entre meio ambiente e criança, mais importante do que a natureza fazer bem às crianças é elas fazerem bem à natureza.

Estamos vivendo efetivamente a iminência de uma crise ambiental. Nossa civilização, por mais armada que esteja em termos de tecnologia, não está conseguindo frear o desenvolvimento de uma crise, e quem sofrerá as maiores consequências são as crianças de hoje e seus filhos. Nossa geração está cumprindo o papel mais feio da história: legar um mundo pior para as gerações que vêm depois.

Existe uma urgência em aumentar o contato das crianças com a natureza porque só podemos defender aquilo que amamos. Ninguém defende, com unhas e dentes, alguma coisa que não conhece e que, para si, não representa nada.

Como uma criança vai defender a natureza quando for mais velha e precisar disso? Ela vai precisar abrir mão de um padrão de consumo confortável, de um carro, de um monte de confortos que tem hoje, que os pais dela têm hoje, porque o mundo, no futuro, não vai acomodar esses luxos. Temos que mudar esse parâmetro.

A natureza na escola

Uma boa política que é muito comum e está pipocando pelo Brasil inteiro são as hortas. Nas hortas escolares, coloca-se a criança em contato com a terra, com o plantio, com o crescimento de uma planta. Ela pode ver os bichinhos, a praga, a relação da praga ou da minhoca com a planta. E, se houver uma produção mínima, as crianças podem consumir esse alimento, que é um consumo saudável. Ainda há o bônus de fazer um plantio orgânico, sem agrotóxico.

A escola deve levar os alunos para fora de seu espaço. Pelo menos uma vez por semana, eles devem visitar parques e áreas verdes.

Pode haver passeios fora da escola, mesmo aquelas muito edificadas, mas que têm um parque próximo. É importante que haja facilidades para que as crianças possam, pelo menos uma ou duas vezes por semana, sair da escola e ir para um lugar aberto, ao ar livre.

A alimentação das crianças

À medida que assumimos, cada vez mais, a vida urbana, há um afastamento de uma alimentação natural, das dietas tradicionais, como o feijão com arroz.

Além disso, a ascensão recente das classes C e D leva essas classes a um consumo maior de alimentos industrializados. Isso gera um aumento brutal da obesidade muito parecido com o que houve nos EUA, nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Estamos, cada vez mais, consumindo alimentos industrializados.

A indústria alimentícia não tem nenhum interesse em nos tornar mais saudáveis, tem interesse em lucrar. Então, oferece, principalmente para a criança, alimentos riquíssimos não só em açúcar, mas também em frituras, gorduras não saudáveis e uma quantidade enorme de aditivos que tornam esses alimentos muito atraentes.

É essa indústria alimentícia que faz com que os alimentos naturais sejam cada vez menos atraentes. Uma ervilha crocante não pode competir com um salgadinho de saquinho mais crocante, com queijo, sal, açúcar.

O vício do açúcar

O açúcar é extremamente viciante. Você tem um nível dele constante no sangue. Aí, você come alguma coisa muito açucarada, e o nível sobe muito. Como consequência, acontece um disparo da insulina, que é o hormônio que reduz o açúcar no sangue, causando sua queda. Duas horas depois, você passa a querer comer alguma coisa doce de novo.

O açúcar é o grande vilão da alimentação industrializada. Seu excesso pode levar a obesidade, diabetes, arteriosclerose, doenças cardíacas e câncer.

Esse ciclo de idas e vindas leva à obesidade, à resistência à insulina e, futuramente, à diabetes, o que é gravíssimo. Além da liberação de radicais livres, que vão causar problemas de arteriosclerose, infarto, hipertensão, câncer e outras doenças.

O açúcar é o principal mal da alimentação industrializada, é o grande vilão.

Economia criativa

Sinopse

Está tramitando no Senado Federal uma proposta que altera um trecho da Constituição, inserindo, como direito inalienável da população, a busca pela felicidade. Pode parecer estranho, mas a felicidade já é, por exemplo, índice oficial usado no Butão, pequeno país asiático, para medir o desenvolvimento da nação. Lá, eles falam em "Felicidade Interna Bruta". Outros países, como Inglaterra e Costa Rica, também começam a pensar em medir prosperidade de outras formas. São indícios que apontam para uma mudança na própria base da economia.

Entrevistada: Lala Deheinzelin, especialista em Economia Criativa e uma das fundadoras do Núcleo de Estudos do Futuro da PUC-São Paulo.

Sustentabilidade

A economia criativa pode ser uma chave para a sustentabilidade. Porque sustentabilidade ainda é adjetivo: tudo pode ser ou não ser sustentável. Mas, daqui a pouco, não será mais assim. É só olhar para trás, lembrar que houve um momento em que a escravidão era normal. A cultura da época, as normas econômicas, sociais e políticas justificavam aquela prática. Hoje, as novas normas ainda justificam o insustentável. Mas em muito pouco tempo o não sustentável será tão absurdo quanto é absurda no mundo atual a escravidão.

Hoje, assistimos a uma grande mudança, consequência da passagem da economia tradicional, baseada em elementos tangíveis – terra, ouro, petróleo, tudo o que é material e, portanto, possível de ser mensurado –, para uma economia baseada em intangíveis.

O que são os intangíveis? Conhecimento, criatividade, experiência; enfim, tudo aquilo que não é possível de se pegar. Por que os intangíveis podem, sim, significar um mundo mais feliz e um mundo sustentável? Porque os tangíveis se esgotam: você come uma maçã; acabou a maçã. Não dá para dividir a maçã por sete bilhões de pessoas. Mas um conhecimento pode ser dividido por um número infinito de pessoas.

O intangível não se consome com o uso; ao contrário, se multiplica. Há o seu conhecimento, o meu e um terceiro que surge da nossa interação. Isso é interessante: os intangíveis sempre existiram, sempre houve conhecimento, cultura e criatividade. Mas o que acontecia? Tudo estava como que invisível. Um poço de petróleo, por exemplo, só tem valor se ele está visível, acessível e se existe tecnologia para explorá-lo. Da mesma maneira, os intangíveis, como os poços de petróleo, devem estar visíveis, acessíveis e ter um processo para trabalhar. Como conseguir isso? Com as novas tecnologias de comunicação e informação.

Quatro pilares

Há quatro pilares que são infinitos. O primeiro é o próprio valor intangível, que não se consome, mas que se multiplica com o uso; o segundo é o pilar das novas tecnologias, porque existe um mundo real e muitos mundos virtuais, e, por meio das tecnologias, é possível potencializar e trabalhar esses intangíveis. Quando se junta o pilar dos intangíveis com o pilar das novas tecnologias, gera-se um terceiro pilar, que é o mais fascinante de todos: o do colaborativo.

Três pilares infinitos, sim, mas o grande problema é que estão invisíveis, porque as réguas para mensurar e comparar só existem em relação ao financeiro e ao numérico. A questão é como desenvolver outras métricas, outros indicadores. Esse é o quarto pilar: a visão multidimensional de riqueza, as novas moedas e os novos indicadores.

Existe um país

Podemos ver um belo exemplo em um pequeno país asiático, o Butão. É um país budista onde o resultado financeiro não é um fim; o dinheiro é apenas o meio; o fim é ser feliz. Um dia, o rei que governava o Butão falou: "Eu quero um índice que possa medir felicidade, porque é isso que eu pretendo". Então, eles criaram nove macrocategorias, com o objetivo final do bem-estar físico e psicológico do cidadão.

O uso do tempo é uma dessas nove categorias, porque o tempo é o único bem realmente finito. E, para poder aproveitá-lo melhor, a solução é colaborar. Outro indicador é a percepção do medo. Uma sociedade que tem medo é infeliz. Dessa forma, tudo o que gera medo tem uma pontuação extremamente negativa no FIB (índice que mede a Felicidade Interna Bruta). Já os vínculos, as relações sociais, o capital social, ou seja, aquilo que implica ação conjunta, ação articulada, relações de confiança, etc., representam uma pontuação superalta.

Patrimônio cultural

A indústria criativa, como conceito, surgiu na Austrália, quando o país se percebeu como uma nação criativa. Depois, o Reino Unido adotou, de fato, o conceito como estratégia de Estado. Aconteceu após o governo de Margaret Thatcher, quando Tony Blair assumiu e o Reino Unido vivia uma situação muito complicada. Não tinha para onde crescer, não sabia para onde ir.

Blair convocou uma força-tarefa multidisciplinar, com vários ministérios, pessoas da sociedade civil, pensadores, grandes empresários. E concluíram que o maior patrimônio deles era o cultural. Porque eles habitam uma ilha pequenininha, mas que produziu Shakespeare, Beatles, Mary Quant e Rolling Stones, por exemplo. A partir dessa constatação, começaram a criar políticas super bem estruturadas para que o patrimônio cultural se convertesse no ponto principal de desenvolvimento do país.

Excedente cognitivo

Talvez o patrimônio mais precioso com que se vai trabalhar, no futuro, seja o que Clay Shirky, um pensador de novas tecnologias, chama de excedente cognitivo. É toda inteligência e criatividade possíveis de serem trabalhadas coletivamente, graças às novas tecnologias.

Shirky fez um estudo que mostrava, por exemplo, que para se construir a Wikipédia foram necessários cem milhões de horas. Aí, pensamos: "Nossa, cem milhões de horas é muito tempo!". Cem milhões de horas, na verdade, é o que as pessoas consomem em um fim de semana, só nos Estados Unidos, vendo comerciais de TV.

Os movimentos colaborativos levam a outra definição dos processos de criação e de produção, em que a palavra "consumidor" deixa de fazer sentido. Alguém produz e empurra para o outro consumir. É a economia do empurra: *push economy*. Com as novas tecnologias, a pessoa participa do processo. Toda a questão do futuro está exatamente nisso. Em como é que cada um junta seu conhecimento utilizando as novas tecnologias para criar modelos de colaboração.

O que existe hoje foi sonhado no passado. Vemos, desde o final do século XIX, imagens de telecomunicação. O computador, o skype, a chamada telefônica com vídeo, o SMS; tudo já estava ali, no imaginário das pessoas. Então, se o presente é fruto dos sonhos e dos pensamentos do passado, o futuro será fruto dos sonhos e dos pensamentos do presente. E com o que estamos sonhando? A pergunta é a base do movimento Crie Futuros.

No site www.criefuturos.com, pode-se baixar o livro *Desejável Mundo Novo*, que projeta a

vida em 2042: uma vida sustentável, diversa e criativa, possível graças aos quatro pilares de que falamos antes. O objetivo do livro é inspirar, pensar; perguntar "por que não?". Por que não fazemos outra economia, outra política?

Existe uma provocação interessante: a pessoa pensa que gostaria que acontecesse x, mas acha que vai acontecer y. Esse y é o que ela não deseja. A pergunta é: por que achar que vai acontecer aquilo que não se deseja e que o desejo não vai acontecer? Isso precisa ser mudado, principalmente neste momento da história que reúne todas as condições para uma recriação do futuro pelo coletivo, com os recursos intangíveis, com as tecnologias que permitem redesenhar esse futuro.

Ao pensarmos em múltiplas moedas, na ideia de que riqueza não é só moeda, criam-se diferentes tipos de relação. O Japão, por exemplo, é um país, em tese, extremamente pobre. Tem todos os desastres naturais e não possui terra para cultivar. É pobre, porém está rico. Por quê? Capital social, confiança, educação, valores humanos.

No Brasil, o Banco Central reconhece e incentiva a criação de moedas alternativas. Mas o que vemos surgir, e que é mais interessante ainda, são as experiências de aplicar valor à moeda em quatro dimensões: primeiro, os patrimônios financeiros, monetários e solidários; depois, os patrimônios culturais (o conhecimento); os patrimônios ambientais (não somente da natureza, mas também da tecnologia); e os patrimônios sociais (das redes de troca, dos relacionamentos, da cooperação).

Clubes de trocas

Os clubes de troca na Argentina hoje estão um pouco mais desarticulados, mas o país viveu um momento de crise, no começo do século XXI, em que um a cada seis argentinos utilizava os clubes de troca. Existe uma experiência surgida na Austrália chamada Bartercard. É a rede mundial de troca de pessoas dispostas a comprar e a vender bens ou serviços, mas que, em vez de dinheiro, é financiada por produtos!

Funciona assim: um cabeleireiro inglês, por exemplo, deposita cinco cortes de cabelo na Bartercard. Aí, vai para a Tailândia e paga um jantar lá com o valor relativo aos cortes de cabelo, porque o dono do restaurante também depositou no Bartercard uma quantidade de tal de jantares.

Educação para o futuro

Colaboração depende de confiança. E confiança deveria ser o primeiro conceito ensinado nas escolas. A escola do futuro, a educação do futuro é aquela que se dá em todas as partes, não fechada apenas no ambiente escolar. É uma educação que empodera a pessoa a se perceber como cocriadora. Porque, se o maior recurso é o intangível, e ela possui tecnologias e colaboração para poder criar com isso, precisa se perceber como coautora. É uma educação que trabalha a escolha, porque estamos o tempo inteiro escolhendo, mas ninguém nos prepara para isso. Uma educação que mostra que a melhor maneira de se obterem resultados é colaborando, e não competindo. E uma educação que privilegia o desenvolvimento de outras competências, porque os conteúdos já estão dados, estão na internet.

É preciso trabalhar relações, atribuição de valor, perceber o que cada um tem de único e de próprio, usar as tecnologias, fomentar ações integradas, etc. É uma mudança grande. Na verdade, a escola será um ambiente cognitivo que vai criar as condições para que as pessoas construam e aprendam por meio do fazer, e do fazer colaborativo.

Um outro mundo será possível, porque, pela primeira vez na história, temos conhecimento, recursos e pessoas para fazer isso.

O convívio das gerações

Sinopse

Eles são a Geração Y. Plugados, impacientes, ambiciosos, têm dificuldade em reconhecer a autoridade. Mas estão "atropelando" no mercado de trabalho. Um pouco depois, vem a chamada Geração Z – que já nasceu ligada no computador. Na outra ponta, os *baby boomers*, nascidos após a Segunda Guerra Mundial e que um dia tentaram, mesmo, mudar o mundo. Há, ainda, a Geração X, na casa dos 40, competitivos e individualistas. Mas será que dá mesmo para dividir pessoas e gerações? E ainda rotular cada uma delas? E como garantir uma boa convivência?

Entrevistada: Maria Alice Ferruccio, psicóloga, diretora da Associação Brasileira de Recursos Humanos do Rio e professora da UFRJ, onde coordena o projeto Grupo de Novos Negócios.

Nomenclaturas

Na década de 1950, psicólogos e sociólogos criaram uma nomenclatura para falar sobre o comportamento dos jovens que tinham experimentado todas as mudanças promovidas pela geração anterior, que viveu a Segunda Guerra Mundial e um período de grandes transformações na sociedade. Então, quando o fotógrafo Robert Capa criou o termo Geração X, que caracterizou aquela geração específica, isso levou a outras nomenclaturas para caracterizar gerações anteriores e futuras, como Y, Z...

Baby boomers

Os chamados *baby boomers*, por exemplo, nasceram em torno do final da Segunda Guerra Mundial e logo em seguida. Esse grupo apresenta uma característica interessante: a capacidade de adaptação. É uma geração que vinha de um processo de revolução em relação ao momento da Segunda Guerra Mundial, lutando pela sua liberdade. Então, eles se adaptaram mais rápido do que as gerações X e Y, em razão da velocidade das mudanças que foram acontecendo.

Mas será que estão adaptados? Acredito que sim. Usam a internet? Usam. Mas pode ser meio demorado seu tempo de resposta em relação a questionamentos processados através de meios de comunicação que usam a tecnologia da informação.

Geração X

Essa geração tem entre 37 e 47 anos, aproximadamente, e já se adaptou. Quem são essas pessoas hoje? Estão com suas famílias constituídas, tiveram filhos – a grande maioria – e já conseguiram cargos de gerência ou de direção em alguma instituição; têm uma vida profissional estabelecida. Estão lidando com esse processo de mudança, absorvendo as novas tecnologias e rejeitando o que não os atende muito.

A Geração X parou de experimentar tanto; aceitou a condição de mudança nas suas vidas, a condição de olhar para as outras gerações e perceber o que existe de interessante no novo, mas não necessariamente precisa usar tudo. Acredito mesmo que a Geração X consegue ser mais seletiva.

Gerações Y e Z

As gerações Y e Z querem experimentar de tudo. Se um programa mais novo foi lançado, já querem comprar... Na verdade, essa ânsia de experimentar tudo é uma característica da própria juventude. Tenta-se colocar uma nomenclatura de X, Y, Z, mas é da natureza humana. As crianças pequenininhas estão experimentando desde a creche e a pré-escola todo esse aparato tecnológico. É normal: é a fase de experimentar, de conhecer o novo.

Os jovens querem tudo para ontem. Não se conformam em perder um único segundo do tempo útil deles.

O interessante é ver como as escolas estão adaptando-se a essa geração acostumada aos jogos tridimensionais, que vê o professor escrever com giz ou canetinha no quadro. Muitas estão tentando se adaptar ao processo, que é muito rápido, para atender a algumas das curiosidades dessas crianças. Já os adolescentes, ainda com uma incerteza grande em relação à vida, também não conseguem planejar muito, têm um imediatismo natural da juventude. Querem tudo para ontem, para fazer rapidamente, para não perder um segundo do tempo útil deles.

Conflitos no trabalho

A ousadia do jovem e a relutância do executivo veterano. Experiência *versus* novidade. O conflito de gerações dentro das empresas continua acontecendo. Mas, talvez, com um pouco mais de tolerância. Porque, quando os jovens chegam com as ideias novas, trazendo o inusitado, o que quebra paradigmas, tanto os *baby boomers* quanto a Geração X, que são de certa forma os gestores dessa nova geração entre 30/40 anos, já conseguem verificar se o que eles estão trazendo de novo realmente vale a pena.

São tantas novidades que não necessariamente todas elas podem ser implementadas. Será que essas novidades que as gerações Y e Z estão trazendo devem ser adotadas sem que se façam críticas? Porque, se for somente uma questão de tecnologia da informação, pode-se apertar um botão e deixar o mundo correr solto. Creio que algumas coisas devem ser preservadas.

Chefes mais novos

Outro fato novo é que os jovens, cada vez mais, estão no comando nas grandes empresas. É uma inversão que está acontecendo de maneira bem interessante. Até mesmo nos ambientes de MBAs e cursos de pós-graduação *lato sensu*, vemos o grupo que acabou de se formar e o grupo já diplomado há 10 anos, ambos começando a fazer a primeira pós-graduação.

Os jovens, hoje, já chegam ao primeiro emprego com uma pós-graduação completa. Isso faz uma grande diferença.

Hoje, os jovens, ao entrarem no mercado de trabalho, já terminaram sua pós, ao contrário de muitos veteranos da empresa que não têm essa titulação. Muitas vezes, os veteranos não se atualizaram porque as empresas não tinham programas de treinamento. Para o empregador, é muito mais fácil pegar no mercado quem já traz todo esse aparato de conhecimento, tecnológico ou de educação de maneira geral, do que formar um profissional já contratado e trabalhando.

Vontade de mudar

Na UFRJ, o Grupo de Novos Negócios vive uma experiência interessante. O grupo foi criado em 2004 e já está da sexta para a sétima geração. Cada geração que entra quer testar algo novo. Ou fala em jogar o site que existe fora e começar um novo, ou em reconstruir o manual para criação de empresas, ou em modificar todas as ferramentas que a geração anterior acabou de alterar. Nossa posição é a de que é preciso, pelo menos, amadurecer a ferramenta anterior, para que se possa tirar algum resultado, algum proveito.

Pode-se fazer uma crítica, mas não é necessário jogar tudo fora. O que essa geração quer é mostrar para a próxima que aquilo que está trazendo de novo é melhor do que o que a geração anterior trouxe. E o tempo para fazer isso é de oito meses a um ano, que corresponde à duração do grupo. Meu argumento é que deixem congelar – não retirem o gelo da fôrma sem que ele endureça.

A Geração X e os *baby boomers*, que são gestores das gerações Y e Z, já estão conseguindo lidar com essa questão de trazer o novo e pedir para eles testarem um pouco, pedir que simulem resultados.

Conflitos na família

Sobre os *baby boomers*, convém lembrar que, de um modo geral, eles não tinham liberdade para falar sobre determinados assuntos como sexo, drogas, liberdade. Hoje, a Geração X, que já tem filhos, espera um pouco mais de aproximação. Espera que os seus filhos possam olhar o pai como um homem jovem, atualizado, podendo ter mais liberdade, trocar informações, porque sabe que ele vai entender.

O ambiente atual é um pouco mais saudável, pois já permite que se fale sobre essas temáticas. E os jovens têm mais acesso à informação. Então, na hora em que os pais estão discutindo um assunto, a conversa fica mais plural entre as gerações.

Em meio a tudo isso, existe um desafio à autoridade que começa em casa e vai-se refletir em outros ambientes. De certa forma, os pais, muito ocupados, trabalhando demais dentro das organizações para poder mantê-las competitivas, ficam sem tempo para estar com os filhos. É a chamada "terceirização da educação". É como se a família acreditasse que a escola vai fazer parte do papel que ela não está podendo fazer em casa e que, dessa forma, se liberaria.

Na verdade, os responsáveis pela educação dos filhos são o pai e a mãe, aqueles que estão ali educando a sua prole. E nós observamos as escolas tentando aproximar mais os pais da educação dos filhos, dizendo o seguinte: "Uma parte dessa educação é minha. Mas é só uma parte. Vocês continuam sendo os principais responsáveis".

Pais ausentes, filhos plugados, passando mais tempo sozinhos, diante do computador, do videogame, da televisão.

Vemos, também, que os adultos, carregando uma certa culpa por não poderem estar convivendo com os filhos por mais tempo, levam essas crianças a ter uma vida totalmente plugada, eletrônica. Depois, questionam por que elas não saem da frente do videogame, do computador, da telinha da televisão, etc. Mas quem deixou isso acontecer?

Geração canguru

Existe um pouco mais de liberdade hoje, inclusive para usar a casa dos pais: a maioria dos jovens leva o namorado ou a namorada para dormir em seu quarto. Então, por que sair de casa, quando se tem total liberdade?

Essa liberdade que a Geração X tentou conquistar hoje é dada de bandeja. Inclusive, as famílias ficaram diferentes; os pais se separaram muito. Temos uma Geração X muito separada e uma geração de *baby boomers* que tentou ficar mais tempo casada. Mas a X, não necessariamente. Então, é a mãe trazendo o namorado, o pai trazendo a namorada para dormir em casa, e o filho questiona: "Ué, mas você trouxe a sua namorada, por que eu não posso trazer a minha?".

Diretoria do Núcleo de Publicações e Impressos
Regina Protasio

Assessoria Editorial
Denise das Chagas Leite

Redação
Cristina Amaral

Revisão
Jorge Eduardo Machado

Fotos
Alberto Jacob Filho

Assessoria de Artes Gráficas e Animação
Marcelo Salerno

Gerência de Artes Gráficas
Ana Cristina Lemos

Projeto Gráfico
Aloysio Neves

Editoração
Daniel Nogueira

Ilustrações (abertura de capítulos)
Carlos Benigno

Impressão:
Ediouro Gráfica e Editora Ltda.

Tiragem:
5.600 exemplares

Novembro 2012

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-60354-26-9
9 788560 354269

MULTIRIO - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.
Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210
Central de Atendimento ao Cidadão: 1746 • Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424
www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br